INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE, CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)

MEDIAÇÃO CULTURAL – ARTES E LETRAS

QUEM LÊ JUNTO LÊ MELHOR
Experiências das oficinas de leitura em aparelhos públicos

CAROLINA MENDES SUCHOI

Foz do Iguaçu
2024

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)

MEDIAÇÃO CULTURAL – ARTES E LETRAS

QUEM LÊ JUNTO LÊ MELHOR
Experiências das oficinas de leitura em aparelhos públicos

CAROLINA MENDES SUCHOI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Mediação Cultural – Artes e Letras.

Orientador: Prof. Danielle Michelle Moura de Araujo

Foz do Iguaçu
2024

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

CAROLINA MENDES SUCHOI

QUEM LÊ JUNTO LÊ MELHOR
EXPERIÊNCIAS DAS OFICINAS DE LEITURA EM APARELHOS PÚBLICOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Mediação Cultural – Artes e Letras.

BANCA EXAMINADORA

_____
Orientador: Prof. Danielle Michelle Moura de Araujo
UNILA

_____
Prof. Solange Rodrigues Bonomo Assumpção
UNILA

_____
Prof. Márcia Cossetin
UNILA

Foz do Iguaçu, _____ de _____ de _____.

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

Dedico este trabalho aos meus pais.

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, expresso meu profundo agradecimento a meu pai, Laercio Tomaz Suchoi, e à minha mãe, Marta Mendes Suchoi, pelo amor incondicional e apoio inabalável que sempre me concederam. São eles os verdadeiros pilares que tornaram possível a realização dos meus sonhos. Suas orientações, sacrifícios e constante encorajamento foram fundamentais em minha jornada, e por isso sou imensamente grata.

Agradeço a Professora Doutora e Coordenadora do projeto de pesquisa Vivendo Livros Latino-americanos, Mariana Cortez, por me conceder a oportunidade de ser selecionada para participar do seu projeto de extensão e iniciação científica. Foi uma experiência transformadora que me preparou e ensinou não apenas sobre a mediação de leitura literária, mas também sobre o valor do conhecimento. Obrigada pela confiança depositada em mim.

Minha gratidão à Professora e Orientadora Danielle Michelle Moura de Araujo é imensa, não apenas pela orientação constante que recebi durante este trabalho, mas principalmente pela amizade, pelo acolhimento e pela serenidade que ela me ofereceu ao longo do processo de escrita e de escuta. Nutro grande admiração por quem ela é e pelo trabalho que realiza, reconhecendo a profundidade e o impacto de sua contribuição no meu desenvolvimento acadêmico e pessoal.

Agradeço a arte-educadora Mayara Alexandre Costa por confiar em mim e por compartilhar suas experiências no programa de governo Foz Fazendo Arte que enriqueceram significativamente este trabalho.

Expresso meu sincero agradecimento aos professores da banca, Solange Rodrigues, em especial à Márcia Cossetin, cujas aulas me encantaram pelo mundo da educação e que dedicou seu tempo para participar deste processo de apreço e encerramento da minha jornada na graduação. Suas orientações e apoio foram fundamentais para minha formação e crescimento acadêmico, e estou profundamente grata por suas contribuições.

Também gostaria de agradecer a todos os meus professores pelas discussões e formações em sala de aula, que me motivaram a seguir nesse caminho.

Agradeço aos amigos e amigas Talita Pamela, Raidel Blanco, Gislaine Oberleitner, Gabriel Oberleitner, Ivana Batista, Marilda Araujo, Fabiana Priscila, Julieta Cuevas e Rony Rivadeneira, que surgiram nesta jornada de crescimento e oportunidades. Vocês transformaram este percurso em momentos de grande alegria, acolhimento e conversas

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

inspiradoras, tornando-se verdadeira família de Foz para mim. Seu apoio, amizade e companheirismo foram fundamentais para enfrentar os desafios e celebrar as conquistas ao longo do caminho. Estou profundamente grata por ter cada um de vocês em minha vida.

Expresso minha profunda gratidão à UNILA - Universidade Federal da Integração Latino-Americana, por proporcionar-me anos inesquecíveis durante minha graduação. Esta instituição tornou realidade um sonho pessoal e enriqueceu minha jornada acadêmica com momentos e oportunidades que serão eternamente lembrados. Agradeço sinceramente pelas experiências enriquecedoras que abrilhantaram meu percurso, bem como pelas oportunidades concedidas para viajar, tanto nacional quanto internacionalmente, permitindo-me disseminar as pesquisas e conhecimentos adquiridos ao longo desse trajeto.

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

*“The mediator between head and hands must be the heart” (*O mediador entre a cabeça e as mãos deve ser o coração*).*

Filme Metrópolis, Alemanha, 1927

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso investiga a intersecção entre arte, educação, mediação e leitura nas práticas de mediação literária, analisando dois cenários em Foz do Iguaçu: uma biblioteca comunitária na Vila C, na qual fiz parte como mediadora, e um projeto governamental, especificamente a modalidade de Literatura e Poesia no CAPS AD onde observo e relato a experiencia da arte-educadora Mayara Costa. Por meio da análise das práticas de mediação literária nessas instituições, destaca-se o papel dos mediadores culturais na democratização do acesso à cultura e na formação de leitores críticos e autônomos. Do ponto de vista teórico e conceitual estarei utilizando a perspectiva de Paulo Freire, Vygotsky, Ana Mae Barbosa e Renata Junqueira sobre a leitura do mundo precedendo a leitura da palavra. O estudo enfatiza a importância de um diálogo articulado entre mediadores e leitores, promovendo uma compreensão mais profunda da relação entre texto e contexto. Além disso, são discutidas as experiências e aprendizados acumulados ao longo do processo, evidenciando a evolução dos participantes de receptores passivos a mediadores ativos. Por fim, é analisado como um exemplo de iniciativas para tornar os direitos culturais acessíveis e contínuos, destacando a importância dos espaços públicos como espaços de acolhimento, aprendizado e expressão criativa na comunidade.

Palavras-chave: biblioteca; dispositivo cultural; educação; mediação de leitura; arte-educador.

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

RESUMEN

Este Trabajo Final investiga la intersección entre arte, educación, mediación y lectura en las prácticas de mediación literaria, analizando dos escenarios en Foz do Iguaçu: una biblioteca comunitaria en Vila C, de la que formé parte como mediadora, y un proyecto gubernamental, concretamente la modalidad de Literatura y Poesía en el CAPS AD, que observé y relaté en la experiencia de la educadora artística Mayara Costa. Al analizar las prácticas de mediación literaria en estas instituciones, destaco el papel de los mediadores culturales en la democratización del acceso a la cultura y en la formación de lectores críticos y autónomos. Desde un punto de vista teórico y conceptual, utilizaré la perspectiva de Paulo Freire, Vygotsky, Ana Mae Barbosa y Renata Junqueira sobre la lectura del mundo antes que la lectura de la palabra. El estudio destaca la importancia de un diálogo articulado entre mediadores y lectores, que promueva una comprensión más profunda de la relación entre texto y contexto. También se discuten las experiencias y lecciones aprendidas a lo largo del proceso, destacando la evolución de los participantes de receptores pasivos a mediadores activos. Por último, se analiza como ejemplo de iniciativas para hacer accesibles y continuos los derechos culturales, destacando la importancia de los espacios públicos como lugares de acogida, aprendizaje y expresión creativa en la comunidad.

Palabras clave: biblioteca; dispositivo cultural; educación; mediación de lectura; educador artístico.

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

ABSTRACT

This Final Paper investigates the intersection between art, education, mediation and reading in literary mediation practices, analyzing two scenarios in Foz do Iguaçu: a community library in Vila C, which I was part of as a mediator, and a government project, specifically the Literature and Poetry modality at CAPS AD, which I observed and reported on the experience of art educator Mayara Costa. Through the analysis of literary mediation practices in these institutions, I highlight the role of cultural mediators in democratizing access to culture and training critical and autonomous readers. From a theoretical and conceptual point of view, I will be using the perspective of Paulo Freire, Vygotsky, Ana Mae Barbosa and Renata Junqueira on reading the world before reading the word. The study emphasizes the importance of an articulated dialogue between mediators and readers, promoting a deeper understanding of the relationship between text and context. It also discusses the experiences and lessons learned throughout the process, highlighting the evolution of the participants from passive receptors to active mediators. Finally, it is analyzed as an example of initiatives to make cultural rights accessible and continuous, highlighting the importance of public spaces as spaces for welcoming, learning and creative expression in the community.

Keywords: library; cultural device; education; reading mediation; art educator.

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Vila operária dos barrageiros da Usina Hidrelétrica de Itaipu 23
Fotografia 2 – Mapa atual da Vila C.....24
Fotografia 3 – Mediadoras Carolina e Carinne na mediação de leitura literária.....26
Fotografia 4 – Ambientação da mediação “Pinóquio: o livro das pequenas verdades”, de Alexandre Rampazo 27
Fotografia 5 – Sala da BIJI na Estação Cultural João Sampaio Professor Mosquito 34
Fotografia 6 – Antiga Biblioteca Cidadã Paulo Freire.....39
Fotografia 7 – Antiga Biblioteca Cidadã Paulo Freire.....40
Fotografia 8 – Área externa da BIJI 41
Fotografia 9 – Mediadora Luisa na área externa da BIJI finalizando a exposição ..41
Fotografia 10 – Mediação de Leitura Literária na Biblioteca Escolar EMEF Padre Luigi Salvucci 45
Fotografia 11 – Mediação de leitura literária com alunos do CMEI Flor de Lis 45
Fotografia 12 – Mediação de leitura literária com alunos do EJA no Colégio Estadual Paulo Freire.....46
Fotografia 13 – Confecção dos fanzines.....57
Fotografia 14 – Confecção dos fanzines.....58
Fotografia 15 – Folha A4 com os poemas escritos para fanzine.....58
Fotografia 16 – Objetos precários.....62

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Esquema mental da localização das escolas ao redor da BIJI.... 42
Figura 2 – Régua de logos (Prefeitura de Foz do Iguaçu)..... 53

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Contos curtos..... 49
Tabela 2 – Livros trabalhados nas mediações para adolescentes..... 50

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BIJI	Biblioteca da Infância e Juventude Iguaçuense
UNILA	Universidade Federal da Integração Latino-Americana
EJA	Ensino de Jovens e Adultos
CEMEI	Centro Municipal de Educação Infantil
SETI-PR	Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior
CAPS AD	Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 15

2 IDENTIDADE E PERTENCIMENTO NO PAPEL DO BAIRRO.....19

2.1 Oficina Biblioteca para a Infância e Juventude Iguaçuense.....24

3 CONSTRUINDO PONTES EM CONJUNTO: ENTENDENDO O PAPEL DO MEDIADOR.....28

3.1 Entre linhas: despertando a intenção do leitor em ler 30

3.1.1 Apropriação e Interação do Sujeito com o Mundo..... 33

4 VIVENDO E TRANSFORMANDO A PROMOÇÃO DA LEITURA COLETIVA..37

5 ALÉM DAS MARGENS: EXPLICANDO O FOZ FAZENDO ARTE 51

5.1.Oficina arte-educadora Mayara Costa..... 55

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 63

REFERÊNCIAS..... 67

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

1. INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso visa explorar a intersecção entre arte, educação, mediação e leitura nas práticas de mediação literária, em dois contextos específicos: biblioteca comunitária situada na Vila C, Biblioteca para a Infância e Juventude Iguaçuense (BIJI), a qual fiz parte como mediadora, e um programa governamental, especificamente a modalidade de Literatura e Poesia no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD) onde relato a experiência da arte-educadora Mayara Costa. Esta pesquisa busca compreender como pequenos aparelhos públicos contribuem para a formação de leitores e para a democratização do acesso à cultura, sendo então entendidos como espaços necessários dentro do território, atuando como pontes ativas.

Desde criança, tenho apreciado muito a leitura, pois acredito que através dela podemos conhecer experiências diferentes da nossa realidade. Ao ingressar na universidade, fiquei encantada com um projeto de extensão e decidi tentar participar. Para minha sorte, consegui uma vaga, e foi assim que me deparei com um vasto campo de pesquisa que desconhecia. No relato que se segue, compartilho minhas experiências, pois acredito que muitas pessoas, assim como eu, necessitam de orientação e base para compreender as mediações e encontrar um caminho para seguir.

O projeto BIJI surgiu de uma colaboração entre a Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA) e a Fundação Cultural do município de Foz do Iguaçu. Inicialmente o projeto foi desenvolvido em uma sala dentro da Estação Cultural João Sampaio Prof. Mosquito, após a revitalização da antiga Biblioteca Cidadã Paulo Freire. Essa iniciativa destaca a importância de transformar espaços públicos em centros de aprendizado, onde o debate e a interação com diversas formas de expressão artística transformam áreas marcadas pela violência em locais de acolhimento e educação.

Após sua inauguração, a Estação Cultural João Sampaio Prof. Mosquito foi inicialmente administrada e ocupada pela coordenadora e pelos alunos-bolsistas da UNILA. Somente após dois anos é que a Fundação Cultural começou a utilizar o espaço, introduzindo funcionários e prestadores de serviço do programa Foz Fazendo Arte. Com isso, as salas da Estação Cultural João Sampaio Prof. Mosquito passaram a ser compartilhadas, juntamente com as atividades artísticas, com a sala da BIJI.

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

Essa interação proporcionou uma dinâmica enriquecedora ao espaço, permitindo a interação entre diferentes iniciativas culturais e educacionais, e ampliando o alcance e impacto das atividades realizadas.

O presente trabalho inicia-se com meu olhar para os aspectos que moldam o bairro onde residi e vivenciei. Trata-se de um bairro construído inicialmente com a finalidade de ser temporário, para abrigar os trabalhadores da Usina Hidrelétrica de Itaipu, e que ao longo do tempo adquiriu suas próprias singularidades e formas de apropriação pela comunidade local, em desenvolvimento até os dias atuais.

Em seguida, no segundo capítulo, introduzo o conceito teórico-cultural que embasa as atividades desenvolvidas no trabalho. Utilizo algumas contribuições teóricas de pensadores como Freire, Vygotsky, Barbosa e Junqueira, buscando compreender e aplicar suas abordagens no contexto da mediação literária e educacional.

A importância e o impacto da mediação cultural, se destaca e se insere no contexto teórico e prático das interações humanas e culturais. A mediação cultural, diferentemente da mediação pedagógica tradicional, propõe uma abordagem mais dinâmica e reflexiva nas relações entre o sujeito e o objeto de conhecimento. Este processo não apenas facilita a compreensão e a comunicação, mas também enriquece a experiência humana ao estimular a troca de perspectivas e a reflexão crítica, fundamentais para uma compreensão ampliada do mundo e do papel dos indivíduos dentro dele.

Exploro, então, como a mediação cultural, ao expor conteúdos variados e desprovidos de preconceitos, contribui significativamente para a formação sociocultural dos indivíduos, promovendo mudanças cognitivas, afetivas e sociais, e reconfigurando os ambientes de aprendizado para serem mais colaborativos e participativos. Este estudo pretende, portanto, analisar as práticas de mediação cultural dentro de diferentes contextos educacionais e culturais, destacando seu potencial transformador na vida dos educandos e na sociedade como um todo.

No terceiro momento abordo em ordem cronológica minha experiência como aluna-bolsista de pesquisa ao longo de três anos, descrevendo minha atuação como mediadora na implementação da BIJI no bairro da Vila C. Inicialmente, eu e outras três bolsistas colaboramos nesse projeto, e posteriormente expandimos para sete bolsistas, graças à parceria estabelecida com a SETI-PR. Essa experiência compartilhada foi enriquecida pela existência de artigos e trabalhos de conclusão de

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

curso sobre o tema, os quais apresentam visões e vivências similares, porém distintas, que auxiliaram minha escrita.

Durante nossas tentativas de aproximação com os moradores da Vila C, na BIJI, realizamos diversas atividades, incluindo a criação das caixas literárias, ambientações externas e parcerias com as escolas próximas. No entanto, enfrentamos dificuldades de adesão de participantes. Buscamos conquistar a confiança da comunidade não apenas para utilizar o espaço, mas também para promover a leitura e as atividades culturais-realizadas.

No último capítulo, realizo uma explanação sobre o programa de governo "Foz Fazendo Arte", atualmente em processo de implementação, cuja codificação em um projeto de lei é defendida por seus apoiadores. A escolha deste programa não é à toa. Atualmente, atuo como Assistente Cultural do programa, auxiliando em sua implementação e diretamente na formação dos educadores. Analiso e estabeleço conexões entre os princípios teóricos abordados pela arte-educadora Mayara Costa em suas oficinas, mesmo que eu não tenha participado diretamente dessas atividades. Destaco, ainda, a importância do papel do mediador/arte-educador na dinamização de espaços públicos e na promoção de experiências culturais e educativas enriquecedoras para a comunidade.

É impactante este projeto, pois estabelece parcerias entre mediadores de leitura e a comunidade, visando a continuidade do processo individual de humanização histórico-social. Essa abordagem cria uma conexão vital entre artes, leitura e centros de saúde, transformando esses espaços em locais de participação democrática e inclusão social.

São espaços propícios para diálogo, dúvida, discussão, questionamento e compartilhamento de conhecimentos. Acolhem transformações, diferenças, erros, contradições, colaboração mútua e criatividade, num lugar onde crianças, jovens e adultos possuem autonomia para pensar, refletir sobre seu próprio processo de construção de conhecimento e têm acesso a novas informações.

Através da análise das práticas de mediação literária realizadas nesses espaços públicos, este trabalho reflete sobre o papel dos mediadores culturais, e a sua capacidade de conectar comunidades a livros, artes e debates, fomentando um público engajado. Inspirado na visão de Paulo Freire sobre a leitura do mundo como precursora da leitura da palavra, este estudo destaca a importância de um diálogo

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

articulado entre mediadores e leitores, visando o desenvolvimento de indivíduos autônomos, críticos e livres.

Além disso, discute-se a experiência acumulada em três anos de extensão e iniciação científica, com ênfase nos aprendizados obtidos por meio de tentativas, erros e acertos na realização das mediações literárias, e como, progressivamente, os participantes começaram a contribuir ativamente para o processo, assumindo eles mesmos o papel de mediadores.

Por fim, o trabalho se aprofunda no programa governamental Foz Fazendo Arte, sob gestão da Fundação Cultural de Foz do Iguaçu. Destaca-se o objetivo do programa em tornar os direitos culturais acessíveis, descentralizados e contínuos. Analisa-se especificamente a modalidade de Literatura e Poesia implementada no CAPS AD, conduzida pela arte-educadora Mayara Costa, que gentilmente compartilhou sua experiência comigo na condição de espectadora. Essa análise busca compreender como as abordagens de mediação literária se manifestam nesse contexto, enfatizando o valor coletivo e político dos espaços públicos e incentivando a expressão criativa e a participação cívica dos cidadãos.

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

2. IDENTIDADE E PERTENCIMENTO NO PAPEL DO BAIRRO

O bairro da Vila C é apresentado não apenas como um local distinto, mas como uma comunidade que adotou inicialmente a BIJI e, posteriormente, a Estação Cultural João Sampaio Prof. Mosquito, ilustrando sua evolução e apropriação do espaço por seus moradores. Neste capitulo farei algumas considerações sobre a importância do território, especificamente, o bairro, no processo de construção de sentidos, significados e pertencimentos.

Segundo Giard; Certeau e Mayol (1996), que investigam as práticas culturais contemporâneas com ênfase nas experiências cotidianas e num momento histórico específico da comunidade, a análise vai além de uma abordagem especulativa sobre elementos isolados da sociedade, como o bairro e a vida diária. Em vez disso, foca-se na interação entre o espaço privado e o público. Essa compreensão da separação pelos indivíduos, definindo comportamentos específicos como "táticas", é crucial para o estudo. Ela representa uma das condições fundamentais para a existência cotidiana no ambiente urbano, afetando significativamente a ideia de bairro.

Assim a Vila C, localizada ao lado da Usina Hidrelétrica Itaipu Binacional, foi inicialmente conhecido como bairro dos barrageiros, um lugar construído temporariamente e pensado para a organização da construção da Itaipu nos anos 70, vindo milhares de trabalhadores de todas as regiões brasileiras. Contendo sua característica única de casas enfileiradas, tinha-se o objetivo de ser local para moradias provisórias. Porém, com o passar dos anos, as famílias foram surgindo e decidiram ficar, e hoje as moradias são repassadas as gerações. É um bairro marcado por histórias, inicialmente pelo trabalho de alto risco da construção da usina, superpopulação das casas e até situações insalubres, casos de violência urbana, de homicídios e criminalidade. Um bairro que credita seus avanços e aprimoramentos à Itaipu, negligenciando ou enfrentando demoras nas políticas públicas que também contribuíram pouco para benefícios locais.

A Vila C, que é dividida por uma rua estreita e cheia de vegetação ao seu redor, separa-se em duas partes: Vila C “Nova” e “Velha”, onde se nota a rivalidade existente entre os moradores de uma para a outra. Esta primeira está localizada ao leste da Avenida Tancredo Neves, na qual se encontra Ecomuseu de Itaipu, destinado (mas não eficiente nisto) a conhecer o patrimônio cultural, a memória e a história da região que dá entrada para a Itaipu Binacional do lado Brasileiro. Suas ruas recebem a

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

denominação dos nomes das capitais dos estados brasileiros. São bastante circuladas por bicicletas, mas no calor da uma hora da tarde, durante o verão, quase não se vê ninguém na rua. Escondem-se assim muitas histórias, memórias e distintas culturas, tanto regionais como internacionais. Neste bairro há muito imigrantes paraguaios e de outras nacionalidades, este também é o bairro que abriga estudantes da UNILA. Em 2023 o número de estudantes estrangeiros matriculados foi de 1600, segundo o relatório disponibilizado pela “UNILA em Destaque”, sendo 37,61% do total dos estudantes vindos da América Latina e do Caribe.

Conforme destaca Lefebvre (2001), a relação entre "urbanidade-ruralidade" não desaparece; ao contrário, intensifica-se. Em um exemplo concreto, temos um bairro localizado ao lado de uma das maiores usinas hidrelétricas, em um município turístico que abriga hotéis de luxo, mas que enfrenta problemas de saneamento básico. Neste cenário, é comum encontrar casas que utilizam fossas sépticas, com pouca circulação de ar devido à disposição enfileirada das construções e ao posicionamento no fundo dos terrenos. O calor é exacerbado pelo telhado de zinco. Os moradores adaptam-se a essa realidade, adotando estratégias simples, como criar suas galinhas, e a vila é cercada por vegetação, mantendo uma ligação estreita com a natureza.

O processo de industrialização, inquestionavelmente, tem sido o motor das transformações na sociedade ao longo de um século e meio. Ele constitui o ponto de partida fundamental para a reflexão sobre a nossa época. Os marcantes contrastes entre riqueza e pobreza, assim como os conflitos entre poderosos e oprimidos, não impedem a ligação afetiva com a cidade, nem prejudicam a participação ativa na construção da sua beleza. No ambiente urbano, as lutas entre facções, subculturas, grupos e classes fortalecem o sentimento de pertencimento. Assim, esses grupos competem no amor pela sua cidade (LEFEBVRE, 2001).

Sentindo então este amor e partilha pelo bairro, por volta das cinco horas da tarde, quando o sol inicia o pôr do sol, começam a aparecer grupos de pessoas, nos famosos largos quintais que caracterizam a Vila C, para compartilhar o tereré[1]. Reúnem-se também nas praças cheias de árvores, pertencendo e se apropriando do bairro, exemplificando o que Giard; Certeau e Mayol (1996) definem como “um domínio do ambiente”, o que faz com que a pessoa que o usa cotidianamente se sinta

[1] Bebida feita com erva-mate regada com água gelada, de origem indígena Guarani, muito comum também no Paraguai e no nordeste da Argentina.

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

reconhecida pelo espaço. O andar de sua casa até o vizinho, ao ponto de ônibus e a praça significa uma ligação orgânica com o território, a partir de seus hábitos repetitivos num espaço público, tornando-se adaptado a ele.

> Pode-se, portanto, apreender o bairro como esta porção do espaço público em geral (anônimo, de todo mundo) em que se insinua pouco a pouco um espaço privado particularizado pelo fato do uso quase cotidiano desse espaço. A fixidez do habitat dos usuários, o costume recíproco do fato da vizinhança, os processos de reconhecimento - de identificação - que se estabelecem graças à proximidade, graças à coexistência concreta em um mesmo território urbano, todos esses elementos "práticos" se nos oferecem como imensos campos de exploração em vista de compreender um pouco melhor esta grande desconhecida que é a vida cotidiana. (GIARD; CERTEAU e MAYOL, 1996, p. 40)

Pelo uso constante dessa dinâmica, pode-se considerar a "privatização progressiva do espaço" (1996, p. 42), recompondo o espaço pela modificação daqueles que frequentam o espaço, sendo estas peças importantes para essas práticas culturais espontâneas (como compartilhar um tereré, ir ao mercado ou compartilhar os frutos que as árvores de seus quintais cultivaram com os vizinhos ou as crianças que passaram e pediram). São hábitos que um nativo ou instalado no bairro começa a compartilhar e por conseguinte seguir como uma regra.

> O bairro é, por conseguinte, no sentido forte do termo, um objeto de consumo do qual se apropria o usuário no modo da privatização do espaço público. Aí se acham reunidas todas as condições para favorecer esse exercício: conhecimento dos lugares, trajetos cotidianos, relações de vizinhança (política), relações com os comerciantes (economia), sentimentos difusos de estar no próprio território (etologia), tudo isso como indícios cuja acumulação e combinação produzem, e mais tarde organizam o dispositivo social e cultural segundo o qual o espaço urbano se torna não somente o objeto de um conhecimento, mas o lugar de um reconhecimento. (GIARD; CERTEAU e MAYOL, 1996, p. 45)

No caso, o contexto do bairro, as esferas pública e privada não são entidades separadas, mas interdependentes, coexistindo e influenciando-se mutuamente. A compreensão de uma não é completa sem considerar a presença e a relevância da outra. Surge o reconhecimento, que emerge por meio do diálogo entre vizinhos, das conversas entre homens nos bares, das interações entre mulheres na igreja e da presença dos jovens formando turmas ao retornar da escola. Destacando a palavra "conveniência", usada por Giard, Certeau e Mayol (1996), e interpretada como um rito do bairro, ao participar da vida coletiva, cada pessoa usa o vocabulário para se ajustar a uma troca de sinais que possibilita expressar e articular seu próprio reconhecimento.

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

A conveniência, ao filtrar "ruídos", mantém a clareza na troca social em busca de benefícios simbólicos. E, em um bairro de tamanho reduzido, como a Vila, é praticamente garantido cruzar-se com rostos conhecidos e, em muitas ocasiões, trocar saudações com pessoas que compartilham conhecidos em comum. Essa proximidade cria uma atmosfera acolhedora e familiar no cotidiano do bairro, obtendo “o fruto de um longo costume recíproco pelo qual cada um sabe o que pode pedir ou dar ao outro, em vista de melhorar a relação com os objetos da troca” (Giard; Certeau e Mayol, 1996, p. 52), permitindo apenas o que o costume lhes permite fazer.

> A conveniência é a via régia para esse benefício simbólico, para a aquisição desse excedente cujo domínio manifesta a plena inserção no ambiente social cotidiano, ela fornece o léxico do consentimento, e organiza a partir de dentro a vida política na rua. O sistema da comunicação no bairro é fortemente controlado pelas conveniências. (GIARD; CERTEAU e MAYOL, 1996, p. 55)

A Vila C se destaca também pela escassez de estabelecimentos comerciais, que incluem bicicletarias, restaurantes e papelarias. Há um total de quatro pequenos mercados, sendo dois na Vila C Velha e dois na Vila C Nova. Além disso, a Vila conta com quatro linhas de ônibus, e na entrada, há um posto de gasolina com um único caixa 24 horas.

A indústria em crescimento escolhe locais próximos a fontes de energia, meios de transporte, matérias-primas e mão de obra qualificada. Ao mesmo tempo, as cidades antigas desempenham papéis multifacetados, funcionando como mercados, fontes de capitais, locais de geração de capitais em bancos, residências de líderes econômicos e políticos, e reservas de mão de obra. Tanto a cidade quanto a fábrica permite a concentração eficiente dos meios de produção em espaços limitados, abrangendo ferramentas, matérias-primas e mão de obra. Essa dinâmica contribui para o desenvolvimento industrial e econômico. Exemplo disso são as casas localizadas aglomeradas ao lado, em sua convivência, às torres de energias da Itaipu nos vastos campos verdes que percorrem pelo bairro.

Assim, o surgimento deste espaço cultural no bairro, a Estação Cultural João Sampaio, denominado como público, a partir da apropriação dos moradores, se torna um apoio para a concretização de direitos constitucionais, como os códigos culturais que envolvem o potencial de expressão e criação, tanto de forma individual quanto coletiva, permitindo celebrações, produção de obras intelectuais e artísticas, além de contribuir para o desenvolvimento humano. A formação de bairro e o vínculo criado

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

entre os moradores fortalece o senso de cidadania, a partir da participação na vivência cultural comunitária proporcionando a chance de viver de maneira criativa e poderosa, respeitando suas identidades em um ambiente que valoriza a diversidade cultural.

A interação das crianças no bairro, ao brincarem e se apropriarem do espaço, estabelece uma progressiva conexão com esse ambiente público, que, ao longo do tempo, se torna uma "extensão" de suas residências, influenciando não apenas as crianças, mas também, consequentemente, os pais. Esse processo evoca uma compreensão mais profunda das características do bairro, delineando as fronteiras entre o domínio privado e público. Além disso, observa-se a relevância do surgimento da indústria e do fenômeno da industrialização, fatores que conferem singularidade à experiência subjetiva daqueles que habitam o local.

O bairro, marcado por uma rica carga memorial, embora receba investimentos limitados, é valorizado e utilizado de maneira significativa por seus residentes. Essa apreciação é ainda mais notável com a presença de espaços culturais que contribuem para a construção da identidade local. Nesse contexto, o bairro se configura não apenas como um espaço físico, mas como um cenário complexo onde se entrelaçam vivências, história e identidade, consolidando sua singularidade na perspectiva daqueles que o habitam. A seguir coloco uma foto antiga do bairro caracterizando as casas em fileiras e também um mapa com a entrada para a Vila C:

Fotografia 1 - Vila operária dos barrageiros da Usina Hidrelétrica de Itaipu

FONTE: Acervo do site LEHMT, 2022

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

Fotografia 2 - Mapa atual da Vila C

FONTE: Google,2024

2.1 Oficina Biblioteca para a Infância e Juventude Iguaçuense

Nesse contexto, tive a oportunidade de conduzir e relatar duas experiências marcantes de mediação literária na BIJI. A primeira delas foi a realização do livro "Pinóquio: o livro das pequenas verdades", elaborado em colaboração com a mediadora Carinne da Silva Lira, aluna-bolsista da SET-PR. Juntas, trabalhamos na concepção e execução dessa mediação. Além disso, também conduzi a mediação do livro "Amaro" de forma individual, sem a colaboração direta de outro mediador. Essa experiência solitária me permitiu explorar diferentes abordagens e técnicas de mediação, enriquecendo minha prática como mediadora na BIJI.

A seguir, compartilho detalhes e reflexões sobre essas experiências significativas, destacando os desafios enfrentados, os aprendizados adquiridos e o impacto nas interações com os participantes da mediação literária na BIJI.

Vê-se o livro: “Pinóquio: o livro das pequenas verdades”, de Alexandre Rampazo. “O que você vê quando se olha no espelho?” Essa é a pergunta que o livro repete para o leitor várias e várias vezes. Assim como Pinóquio, o célebre boneco de madeira que almeja se tornar um menino de verdade, nós todos talvez estejamos apenas tentando atender às expectativas alheias. A narrativa intrigante nos confronta

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

com a complexidade das identidades pessoais e a busca pela aceitação de si mesmo. Ao desafiar nossos pré-conceitos sobre o personagem de Carlo Collodi (1883), o livro nos convida a refletir sobre quem realmente somos e quem desejamos nos tornar.

Este grupo teve a composição de cinco meninos de 12 a 15 anos que não frequentavam a biblioteca, porém decidiram conhecer o espaço possibilitando a realização desta mediação de leitura. Os nomes utilizados tem fins fictício para proteger a identidade desses adolescentes.

Assim, na ambientação, colocamos uma mesa grande e redonda dentro da sala da BIJI, onde estavam as estruturas dos bonequinhos de papelão como braços, pernas, troncos e cabeças para sua confecção. Ao desenharem e montarem seus bonecos com barbante e com a orientação de uma mediadora, convidamos um por um para ir a outra sala nos responder algumas perguntas em frente ao espelho com a orientação de outra mediadora, nos amparando a seguinte reflexão: Para propor o enfoque “Tell Me”, os mediadores precisam mais que um repertório de perguntas para ajudar os leitores a aprofundarem a leitura coletiva, a necessidade da criatividade e da escuta atenta das respostas da criança para que o roteiro não se torne uma lista de perguntas inquisitivas que levam a uma resposta única.

A ação aproveitava algumas perguntas que já eram encontradas no livro. Nesta sala separada encontrava-se um espelho e pedimos para que se sentassem frente ao ele. Primeiramente, a ideia era que eles apenas experimentassem ver sua imagem refletida. Após essa experiência, realizamos as seguintes perguntas: “o que você vê refletido no espelho?” “O que gostaria de não ver?” “Se pudesse, o que modificaria?”

Marcos foi o primeiro, ao qual a mediadora Carinne fez a primeira pergunta. Ele detalhou a sala que via refletida no espelho e não citou sua imagem refletida. A mediadora resolveu então instigá-lo, perguntando se ele não via nada mais além do que tinha relatado. Mas, mesmo assim, ele não falou… intrigada, ela prosseguiu para a próxima pergunta. Depois, na terceira pergunta ele respondeu dizendo que não mudaria nada em si. Marcos não fez comentários sobre o que gostaria de ver.

Pedro foi o segundo convidado à sala do espelho. Ao responder a primeira pergunta, ele disse que via um homem bem bonito no espelho. Se existisse a possibilidade de não ver algo em sua aparência, ele disse que não teria o que responder, pois ao longo de suas experiências ele aprendeu a ser sempre agradecido por todas as coisas. Logo, não modificaria nada. Já Guilherme, o terceiro a sentar-se em frente ao espelho, quando recebeu a pergunta da mediadora, respondeu dizendo

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

que via uma pessoa muito bonita, que não mudaria nada e que adorava seus olhos. Lucas, por sua vez, assim que viu sua imagem refletida no espelho, disse que não gostava muito do que via, e demonstrou uma enorme dificuldade em falar sobre o que mais gostava em si. Então resolvemos virar de costas para que ele ficasse mais confortável e pedimos que olhasse mais um pouquinho, mas ele quis finalizar a experiência e saímos da sala.

Por fim, o último, Antônio, entrou na sala, se sentou em frente ao espelho, se olhou por alguns segundos, sem dizer nada. A mediadora iniciou as perguntas e ele disse que era feio. Depois perguntou o que ele mais gostava em si e ele disse que era seu cabelo. Já sobre mudar algo, se pudesse, ele comentou que não sabia.

Pedimos então para todos os participantes se sentarem na sala da biblioteca para então lermos a história.

No ato da leitura, eles primeiro ficaram dispersos, mas depois começaram a repetir as perguntas do livro e começaram a prestar atenção. Ao final colocamos exposto uma marionete, para que pudessem ter a experiência de manusear o brinquedo de verdade. A seguir contém duas imagens do grupo realizando a ambientação:

Fotografia 3 - Mediadoras Carolina e Carinne na mediação de leitura literária

FONTE: Acervo da Biblioteca para a Infância e Juventude Iguaçuense, 2023

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

Fotografia 4 - Ambientação da mediação “Pinóquio: o livro das pequenas verdades”, de Alexandre Rampazo

FONTE: Acervo da Biblioteca para a Infância e Juventude Iguaçuense, 2023

O livro "Amaro", da autoria de Antônio Schimeneck, narra a trajetória de um garoto cuja vida se transforma após receber um presente marcante de sua madrinha: um livro. Este objeto se torna o portal através do qual Amaro explora diversos cantos do mundo, imergindo em inúmeras aventuras por meio das páginas literárias. Contudo, uma experiência ainda lhe era estranha: ele nunca tinha visto o mar. A oportunidade de descobrir essa maravilha surge quando ele vai passar alguns dias na praia com sua madrinha, momento em que a ficção cede espaço para a exploração do mundo real.

Essa é minha primeira experiência de mediar uma leitura de um livro respectivamente grande para um dia de mediação para um grupo de sete adolescentes, entre dez e treze anos, me deparo então com o desafio de tornar a sessão cativante para jovens que, embora presentes fisicamente no espaço, demonstravam uma certa resistência à mediação literária. Minha missão era transformar aquele ambiente em um local não apenas agradável para ocuparem o seu tempo, mas também propício ao fomento da leitura. A escolha de "Amaro" foi motivada

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

não apenas pela narrativa envolvente, mas também pelas suas ilustrações em guache, caracterizadas por traços simples e convidativos.

Me inspirei na instalação artística "Tropicália", de Hélio Oiticica (1967), que convida o espectador a uma imersão sinestésica por um labirinto de madeira, areia e pedras, permeado por elementos da natureza e cultura brasileira, decidi replicar uma experiência sensorial para os adolescentes. Para isso, utilizei dois baldes — um preenchido com água e sal grosso e outro com areia — e reproduzi sons de ondas do mar ao fundo. Criei uma experiência imersiva ao vendar os olhos dos jovens e guiá-los através dos baldes, finalizando com a entrega de uma folha A4 azul para que expressassem, por meio de dobraduras, as sensações vivenciadas.

Entre risadas e desafios com as dobraduras, iniciamos a leitura. Instiguei-os a adivinhar o tema da história do dia, e, em uníssono, eles responderam que seria sobre o mar. Quando questionei quem já havia visitado o mar, fui surpreendida pela revelação de que nenhum deles tinha tido essa experiência, conhecendo apenas rios. Durante a leitura, os adolescentes relacionaram as imagens do livro com suas próprias memórias de aventuras em rios, como a de uma aluna que compartilhou sua experiência de canoagem pela Itaipu, enriquecendo a sessão com as conexões pessoais que estabeleceram com a história de Amaro.

3. CONSTRUINDO PONTES EM CONJUNTO: ENTENDENDO O PAPEL DO MEDIADOR

Busca-se aqui entender as abordagens dos mediadores para seu público-alvo e como trabalhar para o surgimento de vínculo, este qual forma uma turma comprometida com o espaço e as abordagens literárias e artísticas. Assim, para muitos o conceito de mediador surge com Ana Mae Barbosa (2009), em Arte/educação como mediação cultural e social, a partir da mediação que o professor de artes faz nas escolas. Ana Mae Barbosa (2009. p.13), como seguidora da pesquisa e da escrita de Paulo Freire, explica que aprendemos em conjunto e mediatizados pelo mundo. Assim, a arte, e principalmente a arte contemporânea, tem enorme importância na mediação entre os seres humanos e o mundo. Surge então a nomenclatura do “arte-educador”, que faz a mediação entre a arte e o público em espaços como museus e centros culturais.

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

> Segundo Vygotsky, a relação do homem com o mundo não é direta, mas, fundamentalmente uma relação mediada. A mediação é um processo de intervenção de um elemento intermediário na relação entre o sujeito e o objeto. A relação deixa, então, de ser direta e passa a ser mediada por ferramentas auxiliares da atividade humana. (TRINDADE e MORETTI, 2000, p. 31)

Este conceito é buscado por mediadores que têm objetivos educativos, de ampliação de repertório, de criar no público a crítica aguçada e o gosto por espaços que tenham cultura e artes. Assim, o mediador, em conjunto com o público, ou até sozinho, organiza temas de interesse para analisar, se contrapondo a uma função que muitos espaços constroem de “animação cultural” (BARBOSA, 2009, p.18) onde o indivíduo é seduzido por artes que não trazem um conhecimento, identificação, ou reflexão de sua atualidade e vivências, funcionando meramente como passatempo. Como salienta, então, “o discernimento, o prazer da população com a cultura que a cerca, resulta em benefícios sociais como qualidade das relações humanas e compreensão de si e do outro" (BARBOSA, 2009, p.21).

Um foco bastante importante é compreender os interesses desses participantes dos espaços e do mediador em se formar e em buscar reflexões diversas sobre os conteúdos escolhidos. Pois, “consciente ou inconscientemente, querem manter o povo afastado do conhecimento da arte, conservando o maçante para os que não têm educação formal ou inefável, portanto domínio de poucos" (BARBOSA, 2009, p.19), não repetindo as mesmas abordagens e discursos que estão acostumados. Explicita também a criação e importância das organizações não governamentais no Brasil que crescem por oferecer educação às minorias sociais e que de fato programas de governo e projetos de lei sejam eficazes na disseminação de cultura e artes. Trabalhar com arte é recuperar o que é humano, ou seja, a ajuda, a preocupação, a crítica e a ação.

Para ocorrer de fato a função de um mediador ou arte-educador, é preciso entender a pedagogia questionadora, atuando de forma problematizadora. Como explica Darras (2009, p. 36), a mediação é um processo de acompanhamento e interrogação da semiótica que intervém na fabricação de signos, o mediador como um colaborador, “são destinados a um processo de facilitar, desenvolver, efetivar, enriquecer, ampliar e mesmo questionar o processo interpretativo", assim uma

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

abordagem de mediação construtivista, passando por várias interrogativas, problemáticas e interação contribui para a interpretação do destinatário e a difusão de experiências e conhecimentos que há da cultura e das artes.

Como expõe Puig (2009, p. 59), não há conhecimento fixo, ele se constrói por práticas, indivíduos e suas identidades. Além disso, o cuidado é também para que os educadores não repitam o que os superiores projetaram. A ideia é quebrar os padrões e ouvir o que os participantes dos espaços culturais têm a dizer sobre sua interpretação. É preciso incluir a todos, pois há muitas formações para uma exposição ou explanação de leitura de livros, assim obtendo conhecimentos pessoais destes participantes em como pensam, como suas famílias pensam, seus questionamentos sobre o mundo e também sobre suas vivências e sonhos.

> É importante refletir sobre sua genealogia, políticas e sistemas de classificação. Os profissionais levam em conta que supõem reformular noções como a verdade, a autenticidade, o gosto, o estilo ou a linearidade. Entretanto, eles necessitam de uma formação museística mais crítica e de comunidades de prática que contribuam para estudar outras vozes e outras concepções que integrem a cultura popular à alta cultura, a cultura impressa à cultura oral, as histórias à história, os relatos às vidas relatadas, os objetos à cultura material, à etnografia, à narrativa etc. (PEIG, C. P., 2009, p. 67).

Em outras palavras, gerar o reconhecimento do público ao que está sendo exposto, seja em museus, centros culturais ou em mediações literárias. O conceito de mediação, que abrange diversos campos, como museus, escolas, centros comunitários e bibliotecas, compartilha a característica fundamental de interagir com os desejos dos participantes, permitindo que eles vejam, discutam e assimilem conteúdo relevante à sua realidade. Esse processo envolve a prática da escuta ativa como um elemento comum. É importante reconhecer que esses espaços só podem atrair público quando há identificação entre o público e a instituição, juntamente com uma compreensão profunda por parte dos mediadores dos gostos e valores de ambos. Como BELTRÁN (2009, p. 85) expõe, não se tornam somente espaços de exposição, mas de construção de conhecimento.

3.1. Entre linhas: despertando a intenção do leitor em ler

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

Ao continuar a discutir sobre bibliotecas escolares e bibliotecas comunitárias, alguns visualizariam prateleiras cinzentas e espaços subaproveitados, remetentes aos desafios encontrados nas escolares. No entanto, na esfera acadêmica, a busca por informações sobre bibliotecas revela a mesma perspectiva. No livro "Biblioteca Escolar e práticas educativas: o mediador em formação", de Renata Junqueira de Souza (2009), que compila artigos de pesquisadores e educadores dedicados à formação leitora, há um esforço para repensar e ajustar a formação de leitores, focando na melhoria da Biblioteca Escolar e em suas metodologias. Tal perspectiva nos ajudou como biblioteca comunitária a pensar e refletir sobre o espaço tanto da BIJI como nas ações de mediação em sala de aula e nas bibliotecas escolares para o público infantil e adultos.

O espaço da biblioteca precisa ser flexível e dinâmico, oferecer oficinas, exposições, espaço para leitura ou pesquisa individual ou em grupo e proposição de momentos de mediação de leitura literária (contação, leitura em voz alta, leitura compartilhada etc.), sendo necessária uma organização preestabelecida evidenciando os acervos e sua forma de funcionamento.

Para Arena (2009, p. 160) há somente um lugar culturalmente organizado para ensinar a ler nas escolas: a sala de aula. Isso porque se há biblioteca, ela é utilizada para guardar caixas. Para Silva (2009, p. 118), não há harmonia entre a biblioteca e a escola, ainda que exista a biblioteca em muitas escolas, e essa ainda se encontra escondida, pois não há demanda de alunos e o acervo não é explorado ou integrado nas matérias ofertadas. Com isso, enfatiza que não são os objetos físicos que dão a existência e a vida à biblioteca, mas sim pela existência das relações entre alunos, livros, professores de biblioteca e professores de salas de aula, explicando a possível diferença entre ensinar a ler e ensinar leitura,

> Porque leitura me parece como produção protagonizada pelo sujeito que tenta ler e somente ganha existência quando o leitor a cria na relação entre o que ele é, o que sabe, e o que o texto criado pelo outro está a oferecer. Ao apoiar-me nessa argumentação, poderia entender que professor ensina o ato de ler, isto é, o modo como o leitor em formação deve agir sobre o texto para, nesse processo, criar leitura (SILVA, R.J., 2009, p.168).

Nos planos escolares e nos discursos dos professores se ouve a expressão “ler, compreender e interpretar” para as avaliações, porém na prática se preza pelo ler para “leitura em voz alta bem pronunciada e fluída”, sem a necessidade de atribuir

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

sentido, compreender exatamente o que o autor quis dizer e depois relacionar o texto de forma organizada com crítica. Com essa breve descrição entende-se que precisam ser feitos reparos, assim o leitor compreenderá o que lê, no limite do conhecimento linguístico, conhecimento sobre o assunto, domínio sobre a estrutura do gênero textual e de seu suporte. Deste modo, para Arena (2009, p.169), não teria outra ação de ler, exceto a de tentar compreender e interpretar.

A diferença está na atitude de ensinar a ler, sendo necessários o domínio da língua viva, elementos técnicos culturais e raciocínio, porque existe o leitor que busca o sentido e assim um motivo pelo qual quer aprender a ler. A linguagem escrita só pode ser lida porque tem significado recriado por sujeitos culturais. A diferença, então, é a atitude do leitor, conduzido pelo mediador, sempre tentando dar um sentido, não “o” sentido, explorando as potencialidades e não um significado único.

Porém, não é qualquer leitura ou linguajar utilizado que conseguirá aproximá-los às matrizes ideológicas, à contextualização, às finalidades e funções de uso, pois o que alimentaria o ato de ler é a intenção do leitor no início de sua escolarização, elaborando perguntas efêmeras e precárias, buscando respostas, também efêmeras e provisórias, trazendo satisfação por terem sido compreendidas, mas não necessariamente prazerosas, pois a literatura pode causar ansiedade, medo, angústia, assim como a alegria, tristeza e inquietação.

Segundo Arena (2009, p.172) o prazer não é o sentimento definitivo de um bom leitor, nem é o guia para ensinar a ler. A direção, acredita, reside em criar necessidades geradoras de perguntas que exigem respostas: essa corrente é a formadora do leitor flexível e múltiplo dos tempos atuais.

Como a arte, que é contextualizada a cada processo de evolução humana, tem seu lugar na formação do homem, assim como o cinema, as manifestações populares na cultura e a literatura infantil contribuem desde os primeiros meses de vida e no período escolar para gerar possibilidades de fantasiar, fabular e sonhar, principalmente para quem não tem acesso a estes em casa. Através da literatura, as crianças podem imergir no mundo dos contos de fadas, lendas, poemas, canções, contos populares, ou seja, no mundo de sua própria cultura.

Para isso, a criança precisa entender o educador como um parceiro que irá trazer conhecimentos e assuntos sobre suas expectativas leitoras. Assim, o aluno pode alimentar seus conhecimentos com outras pessoas. O educador pode mostrar outras expectativas que não foram percebidas ou não faziam parte das vivências do

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

leitor, valorizando também as respostas provisórias dos alunos, mesmo sendo elas diferentes das esperadas, como um processo da leitura não finalizada. Então, o aluno deve ser avaliado por saber discursar uma percepção a respeito sobre o assunto; realizar perguntas ao texto; procurar respostas, mesmo que não sejam de acordo com as expectativas dos adultos.

O papel do professor e do mediador é de expor diversos conteúdos, e, portanto, deve oferecer as melhores condições, e estas exigem que a criança ou o jovem tenha objetivos para ler, conhecimentos para mobilizar e questões para elaborar. Atento a essa formação do leitor, o educador bibliotecário contribuirá para a efetiva formação do leitor e, eventualmente, o recordará docemente, já adulto ou velho, como um dos responsáveis por sua inserção no mundo da literatura.

3.1.1 Apropriação e Interação do Sujeito com o Mundo

Diferente das escolas e das bibliotecas públicas, buscamos estudar e entender a educação não formal, que geralmente se refere ao processo de educação para a cidadania e para o trabalho, organização comunitária e aprendizagem dos conteúdos escolares em diferentes contextos. Por esse motivo, é frequentemente associada à educação geral e à construção da comunidade. A educação não formal, como 'educação ao longo da vida' (conceito popularizado pela UNESCO), cresceu enormemente em todo o mundo nas últimas décadas e inclui todas as formas de aprendizagem ao longo da vida, e a arte de viver bem e em conjunto.

> O conhecimento serve primeiramente para nos conhecer melhor, a nós mesmos e todas as nossas circunstâncias. Serve para conhecer o mundo. Serve para adquirirmos as habilidades e as competências do mundo do trabalho; serve para tomar parte nas decisões da vida em geral, social, política, econômica. Serve para compreender o passado e projetar o futuro. Finalmente, serve para nos comunicar, para comunicar o que conhecemos, para conhecer melhor o que já conhecemos e para continuar aprendendo (Gadotti, 2005, p. 4)

Assim pode-se pensar sobre a decoração do espaço e a disposição dos móveis e dos livros para chamar atenção, despertando desejo desta criança ou adolescente a querer tocar e ler o livro. E, para despertar o letramento literário, a mediação de leitura e o mediador são fatores fundamentais. Com este objetivo os espaços devem

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

construir significados, incluindo instrumentos importantes da vivência e da identidade cultural destes sujeitos. Deixando de lado o formalismo, é possível entender o papel da arte, de sua ampliação de significados e sua função na existência humana. Entende-se assim, segundo Beltrán (2009, p. 99) a “arte como meio de conhecimento pessoal e do entorno social; arte como instrumento ativador de experiências significativas; arte como instrumento questionador do mundo e da vida; arte como linguagem para expressar ideias e sentimentos”. Propõe-se uma educação de artes que possa falar e representar a realidade pessoal dos visitantes para se tornarem usuários frequentes, problematizando como os artistas contemporâneos estão experimentando seus processos artísticos, como expressão, perspectiva e interpretação do momento atual e suas imposições. Pensando na disposição dos móveis e decorações a seguir temos uma imagem da sala em que atua a biblioteca:

Fotografia 5 - Sala da BIJI na Estação Cultural João Sampaio Professor Mosquito

FONTE: Acervo da Biblioteca para a Infância e Juventude Iguaçuense, 2023

Entender que este espaço não é um reprodutor de informação nem de sujeitos passivos, mas de sujeitos que percebem as diferentes interpretações artísticas e seus diferentes pontos de vista, tornando-se ativos, participativos, que interagem e se apropriam de conhecimento, pois o mediador que está entre o objeto e os sujeitos se torna o ativador das inter-relações. Mesmo que estas interpretações sejam efêmeras,

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

criam novos significados, pois é importante surgir novos conhecimentos que as transformam.

Sendo assim, mediação pressupõe interação, estabelecendo um diálogo entre os estudantes com a cultura visual, juntamente com uma metodologia de crítica e autocrítica:

> A escolarização acontece de forma cotidiana, coletiva e obrigatória, portanto, mediar a relação entre estudantes e cultura visual exige atitude investigativa e questionadora sobre as formas pelas quais os estudantes percebem, escolhem, interpretam e criticam a produção visual. Exige, ainda, entender que a nossa percepção de mundo é, ela própria, mediada por imagens, símbolos, sons, gestos e situações gerados em circunstâncias e contextos específicos. Nossos “pontos” de vista são “pontuados” por pontos de vista de outros. Eles se agregam e se reconstroem, se expandem e se diluem via cultura (TOURINHO, I., 2009, p. 271).

Surge então a questão: “como a arte contribui para a reconstrução pessoal e a inclusão social?” Para Carvalho (2009, p. 298) ela ajuda a “fortalecer a autoestima, desenvolver a capacidade cognitiva, socializar o acesso aos bens culturais produzidos universalmente, desenvolver habilidades e competências em determinadas modalidades artísticas, e favorecer a obtenção de atitudes positivas e possibilitar a inserção no mercado de trabalho para fazer valer os direitos de todas as crianças e adolescentes”.

Toda mediação é um processo de interferência, ou seja, não há ação neutra, mas há prudência e o discernimento em seus atos. Trago então resumidamente algumas características do mediador pedagógico apontadas por Masetto (2006, p. 168-170 *apud* Almeida Júnior e Bortolin, 2009, p. 209-210), no seu trabalho Mediação pedagógica e o uso da tecnologia:

> 1) perceber que o ensino-aprendizagem deve ser centrado no aluno e construído em conjunto com ele, para que seja um processo interaprendizagem;
> 2) ser empático sempre, nos momentos de avanços e derrotas, promovendo uma atitude de confiança mútua;
> 3) estimular a corresponsabilidade nas ações;
> 4) propiciar um clima de respeito entre educadores e educandos;
> 5) demonstrar domínio na sua área de conhecimento de maneira que as práticas educativas contribuam com a construção do conhecimento dos envolvidos;
> 6) ser criativo e aberto para situações imprevistas, respeitando as diferenças de cada aluno;
> 7) estar disponível ao diálogo, se necessário e possível, utilizando-se das novas tecnologias para melhorar essa relação;
> 8) estar atento para perceber as reações subjetivas e individuais dos alunos;

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

> 9) cuidar da linguagem, em especial se a comunicação não for presencial, apoiando o aluno na sua aprendizagem.
>
> Além da mediação pedagógica, o bibliotecário é responsável pela mediação da leitura literária.

Assim, para Almeida Júnior e Bortolini (2009), apesar das dificuldades estruturais, administrativas e pedagógicas, as bibliotecas escolares deveriam ser um campo fértil para ações criativas e para a formação de leitores e pesquisadores. Sendo assim, é necessário criar um clima de liberdade e ludicidade, sabendo estabelecer o limite entre a permissividade e a autoridade. Afinal, não há nada mais motivador que alunos curiosos e desejosos.

Referindo-se ao profissional que atua na biblioteca (mediador pedagógico), este deve ser empático e versátil, assim se tornando um aprendiz na pesquisa em conjunto com o estudante, sendo flexível, interessado e respeitoso. Também o mediador precisa ser um leitor atento e desprendido de preconceitos, mas que não deixa de manifestar sua opinião e preferências literárias, por ser um “modelo” a ser seguido.

A mediação da leitura literária é um processo que não pode ser substituído na aproximação do leitor ao texto. Porém, muitas escolas acabam mediando mais textos de informação do que textos literários, chegando a uma fase que o acesso é somente por livro didático, de maneira fragmentada e autoritária, sem fomentar o envolvimento com o texto e o compartilhamento do que foi lido com os colegas de sala de aula ou nos espaços externos. É um método ruinoso, porque faz parte do ser humano compartilhar aquilo que achou interessante, colocando sua opinião, afirmando, negando e contrapondo ideias após ler um livro, ir ao cinema, ir ao teatro ou visitar uma galeria de artes.

Então, a diferença do mediador pedagógico e da ação do mediador de leitura (mediador cultural) é assumir o processo da leitura de maneira mais reflexiva, promovendo alterações na cognição do mediando, na afetividade, comunicação e na interação social. Acreditando ser um ato de resistência exercer a coletividade, verdades e valores enquanto o mundo segue a outra via, assim, um livro pode nos tornar melhores e mais sábios do que imaginaria o autor e o leitor, ensinando a obter maturidade com, por exemplo, personagens heroicos que partem numa aventura sozinhos no mundo e encontram lugares seguros, seguindo seu caminho no mundo.

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

> Dessa forma, podemos afirmar que Leitura, Literatura e Livro (todos com L maiúsculo) são instrumentos que nos levam a conviver com personagens simples, complexos, virtuosos, viciosos, verdadeiros, falsos, bondosos, cruéis, excêntricos, comuns etc. Esses personagens, em sua maioria, configuram-se como envolventes, justamente por isso, pois despertam em nós sentimentos em alguns casos semelhantes aos deles e, em outros, opostos. É para esse universo, ora reconfortante, ora conflitante, que um mediador cioso de seu papel pode nos levar. Basta saber se queremos nos deslocar para esse mundo imaginário e paradoxalmente tão real (ALMEIDA JÚNIOR, O.F., BORTOLIN, S., 2009, p.212).

Assim, a leitura se torna um ato de apropriação do conhecimento na interação do sujeito com o mundo, incluindo seu ambiente social e cultural. Nesse contexto, a interpretação de produções artísticas é vista como um processo de construção de significados, influenciado pelas experiências anteriores e perspectivas individuais, resultando em uma diversidade de pontos de vista possíveis. A contextualização desempenha um papel fundamental na interpretação, conectando os participantes em um enredo de significados, levando em consideração seus contextos individuais. O conhecimento é moldado pela cultura, incluindo percepções, memória e pensamento lógico, que variam culturalmente devido à sua natureza culturalmente construída. Nota-se então que as comunidades interpretativas são dinâmicas, evoluindo com os sujeitos que as compõem e abertas a novos conhecimentos.

4. VIVENDO E TRANSFORMANDO: A PROMOÇÃO DA LEITURA COLETIVA

O projeto de extensão “Vivendo livros[2] - enraizamento na/da comunidade” da Universidade Federal da Integração Latino-americana (UNILA), iniciou suas atividades no ano de 2014, atuando em três escolas da tríplice fronteira consistindo a reforma na pintura de paredes, móveis pensados para crianças e jovens, decorações e organização do espaço, com o objetivo de implementar e reestruturar as bibliotecas, aproximando os professores e os alunos da biblioteca escolar e do livro.

A partir do projeto Vivendo Livros surgiu a oportunidade de implementar e enraizar a Biblioteca para a infância e juventude iguaçuense (BIJI) no bairro da Vila C, inaugurada em agosto de 2020 sob o acordo de cooperação técnica n° 14/2020[3] entre a Fundação Cultural de Foz do Iguaçu e a UNILA cujo propósito era revitalizar

[2] Coordenação da Professora Mariana Cortez- UNILA
[3] https://documentos.unila.edu.br/acordo/14/2020

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

um espaço que se encontrava abandonado, a antiga Biblioteca Cidadã Paulo Freire, atualmente denominada Estação Cultural João Sampaio Prof. Mosquito. Com a atuação da BIJI, dentro deste espaço buscamos realizar ações que favorecessem a aprendizagem e diversificassem e expandissem as experiências artísticas de jovens e crianças para se aproximarem do livro, pois entende-se que o texto literário pode ser uma ponte para compreensão multicultural, ampliação de repertório e formação de leitores.

Após a inauguração, a gestão e ocupação inicial deste espaço público foram conduzidas pela coordenadora e pelos alunos-bolsistas da UNILA. Somente dois anos depois, a Fundação Cultural passou a utilizar o local, trazendo funcionários e prestadores de serviço do programa de governo Foz Fazendo Arte. Esse novo cenário resultou no compartilhamento das salas da Estação Cultural João Sampaio Prof. Mosquito, incluindo as atividades artísticas, com a sala da BIJI. Essa integração proporcionou uma dinâmica enriquecedora ao espaço, permitindo a interação entre diferentes iniciativas culturais e educacionais, ampliando o alcance e impacto das atividades realizadas.

Minha atuação se iniciou em 2021, juntamente com outras três bolsistas, das áreas de geografia, mediação cultural - artes e letras e arquitetura, durante um período de incertezas sobre a pandemia. Realizamos muitas aberturas e fechamentos do espaço neste ano, e para não perder o contato com aquelas seis crianças, todas meninas que estavam frequentando a BIJI, adaptamos as atividades para serem realizadas em casa, compartilhando a cada semana um capítulo do livro que estávamos lendo em formato de vídeo do YouTube[4] em um grupo de WhatsApp e Instagram. Iniciamos as ações com os livros: “Malala, a menina que queria ir para a escola” de Adriana Carranca, posteriormente “O diário de Anne Frank em quadrinhos” de Ari Folman e David Polonsky, e “Nu, de Botas” de Antônio Prata.

Com a extensão da quarentena, buscamos alternativas para continuar a comunicação e as mediações, com cada participante recebendo então em sua casa caixas literárias. Essas caixas eram cuidadosamente preparadas e entregues nas residências dos participantes, apresentando uma abordagem interativa e envolvente da leitura. Cada caixa literária era uma caixa de papelão decorada de acordo com o tema ou conteúdo do livro que estava dentro. Além do livro em si, a caixa continha

[4]Canal do YouTube do “Viviendo Livros: BIJI. https://www.youtube.com/channel/UC5o2FAkd9K3cRc1-WjI-3lQ

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

uma atividade relacionada ao material disponível, por exemplo: mudas de plantas; vasos pequenos de barro e canetinhas de colorir e decorar; instruções claras de como realizar o processo desta atividade e um caderno verde destinado a relatar a experiência etc.

O objetivo era promover a interação entre os participantes e os mediadores, mesmo fora do ambiente físico da biblioteca. O caderno verde servia como um meio de comunicação contínua, permitindo que os participantes compartilhassem suas reflexões, perguntas e ideias, enquanto os mediadores forneciam *feedback* e orientações adicionais. Essa abordagem visava fortalecer os laços entre os membros da comunidade e incentivar a continuidade do diálogo e do engajamento com a leitura. A experiência foi relatada no artigo científico “Biblioteca, leitura literária e afetos em tempos de pandemia”, publicado no ano de 2022 na Revista Trama Interdisciplinar[5].

Como dito, a BIJI está localizada na antiga Biblioteca Cidadã Paulo Freire, inaugurada em 2006, sendo atualmente a Estação Cultural João Sampaio Prof. Mosquito que gradualmente caiu em desuso e encontrou-se em uma condição deplorável. O local apresentava portas e janelas quebradas, evidências de incêndio, e ausência de telhado, tornando-se um espaço frequentado por moradores de rua e usuários de drogas em busca de abrigo, como citado no artigo de Huertas (2019), “Vila C: Um caso de marginalidade urbano e social”:

> A região eventualmente sofre com a dificuldade de manter em pleno funcionamento ações do Poder Público para levar mais qualidade de vida aos moradores dessa região, como se pode indicar a partir do quase fechamento de uma biblioteca pública instalada na Vila C. (HUERTAS, 2019, p. 4)

Sob essa perspectiva, tornou-se evidente a dificuldade em atrair público para as mediações e para frequentar o espaço, especialmente devido às decepções passadas enfrentadas pelos próprios moradores. O espaço havia sido, por um longo período, configurado para atividades ilícitas, o que representava um desafio significativo para reconfigurar sua imagem e reconquistar a confiança da comunidade. Abaixo, apresento duas fotos da biblioteca antes de sua revitalização:

Fotografia 6 – Antiga Biblioteca Cidadã Paulo Freire

[5] https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tint/article/view/14991

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

FONTE: Acervo da Biblioteca para a Infância e Juventude Iguaçuense, 2018

Fotografia 7 – Antiga Biblioteca Cidadã Paulo Freire

FONTE: Acervo da Biblioteca para a Infância e Juventude Iguaçuense, 2018

Ao retornarmos por definitivo em fevereiro de 2022, para o espaço físico sentimos novamente a dificuldade de contato com a comunidade e das crianças para formação de grupos para as mediações que iriam ocorrer uma vez na semana, começamos então a “enfeitar” a parte externa do prédio público. Nossa estratégia foi

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

realizar exposições e ambientações, baseadas em instalações artísticas e também temáticas com relação aos livros que líamos na semana e eram dispostos na entrada da BIJI, instigando a curiosidade das crianças que passavam com seus parentes nas entradas e saídas das escolas e vinham nos perguntar, além da surpresa daqueles que conheciam aquele espaço antes de ser abandonado, que já havia sido uma biblioteca.

Fotografia 8 - Área externa da BIJI

FONTE: Acervo da Biblioteca para a Infância e Juventude Iguaçuense, 2021

Fotografia 9 – Mediadora Luisa na área externa da BIJI finalizando a exposição

FONTE: Acervo da Biblioteca para a Infância e Juventude Iguaçuense, 2022

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

Foi possível então formar dois grupos de mediação literária, uma com crianças no período da manhã, cujos participantes eram filhos de alguns professores da UNILA, e outro a tarde; com adolescentes de doze a quatorze anos, sendo a maioria meninas. Os encontros ocorriam uma vez na semana com duração de duas horas. Foi perceptível o vínculo que os participantes foram criando com os mediadores de leitura literária, com o espaço e o interesse em comum deste grupo de adolescentes de estar compartilhando. Eles passaram a frequentar a BIJI todos os dias. Assim, quando não ocorria as mediações esse grupo de adolescentes aproveitavam o tempo mexendo e se identificando com alguns livros, lendo em silêncio ou brincando com os irmãos mais novos que os acompanhavam.

Aos poucos fomos encaixando e identificando nossa abordagem de trabalho e fomos percebendo previamente a importância do elo emocional integrado à metodologia, “os mediadores de leitura/cultura são agentes na democratização dos objetos culturais como o livro, a leitura, as artes etc. e podem promover relações afetivas na e com a comunidade” (Machado e Vergueiro, 2010 *apud* Cortez; Ortíz e Suchoi, 2022, p. 179).

Desenvolvemos um planejamento em três etapas para proporcionar uma experiência rica aos leitores na sala da BIJI. Primeiramente, realizamos a ambientação, cuidando para preparar o ambiente de leitura de forma acolhedora, imergindo os leitores no universo mágico e fantástico da ficção. Essa abordagem é fundamentada na experiência coletiva de Aidan Chambers (2007) e no método do círculo de leitura "*Tell Me*", o objetivo da discussão literária não é orientar uma interpretação única, como a prescrita pelo cânone escolar. Em vez disso, busca-se instruir as crianças a construir significados enquanto se demonstra como outras interpretações estão sendo elaboradas.

Em seguida, promovemos a leitura em voz alta, intercalando pausas para discussões e a partir da simbolização incentivando a expressão artística através da experiência vivida. Este método reflete nosso compromisso com a valorização da imaginação e criatividade, baseando-se nas teorias de Vygotsky (2018), a qual “a verdadeira essência do comportamento humano complexo se dá a partir da unidade dialética da atividade simbólica (fala) e da atividade prática”, (TRINDADE E MORETTI, 2000, p. 32) e no conceito de "direito da metáfora" de Micheli Petit (2001). Essa

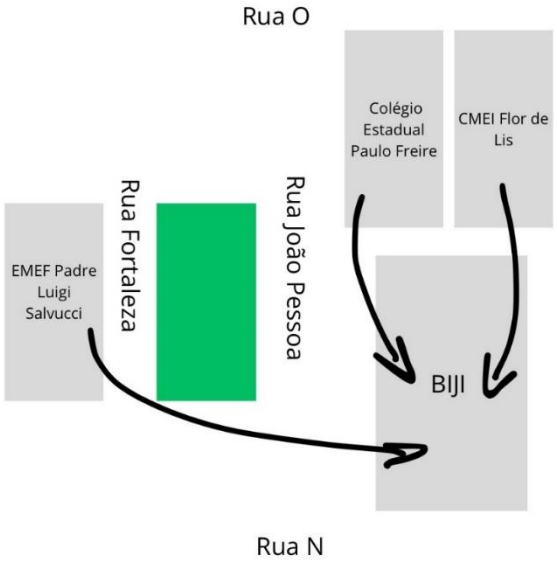
Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

abordagem integral busca enriquecer a jornada literária dos leitores, proporcionando uma imersão completa no mundo da leitura.

Com o decorrer do tempo, além de ser um ponto de encontro entre as crianças e os jovens, os próprios participantes passaram a observar e indagar sobre "como será o desafio proposto?" e se há algo divertido em perspectiva. Essa identificação crescente leva-os a iniciar a produção de suas próprias mediações, contribuindo assim ativamente para a dinâmica do processo. O espaço vai se tornando propício para diálogo, dúvida, discussão, questionamento e compartilhamento de conhecimentos. É um ambiente que acolhe transformações, diferenças, erros, contradições, colaboração mútua e criatividade, e um lugar onde essas crianças e jovens possuem autonomia para pensar, refletir sobre seu próprio processo de construção de conhecimento e tenham acesso a novas informações.

Iniciando assim, parcerias com as escolas ao redor da BIJI, introduzindo uma prática sem "intuito *stricto sensu* de promover práticas de ensino e aprendizagem formais de educação, mas sensibilizar e fazer pensar sobre o material literário de forma a constituir-se, reconstituir-se, compartilhar e agir no mundo" (Cortez; Ortíz e Suchoi, 2022, p. 183), trabalhando com Centro Municipal de Educação Infantil (CEMEI), Ensino Fundamental e Ensino para Jovens e Adultos (EJA), passando a frequentar as bibliotecas escolares e a BIJI, integrando-se e sentindo-se parte delas.

Figura 1 – Esquema mental da localização das escolas ao redor da BIJI



FONTE: O Autor, 2024

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

Exploramos diversas atividades, como brincadeiras tradicionais infantis, a técnica de xilogravura, teatro de sombras, origamis e construções sinestésicas. Ademais, houve a utilização e introdução da biblioteca escolar aos alunos.

Porém, no início, foi observado uma relutância na participação destes, percebendo-se uma aparente falta de interesse em abordar questões consideradas tediosas, como a leitura. No entanto, essa atitude evolui para um forte vínculo e entusiasmo posteriormente, especialmente em relação às instituições educacionais, como as escolas. A adaptação de espaços informais para atividades formativas exigiu ajustes para obter resultados tangíveis das mediações, incluindo a adoção de práticas como anotações em cadernos e atividades escritas.

Dessa forma, implementamos na organização dos espaços (sala de aula, biblioteca escolar e BIJI) o conceito de "ambientação". Essa prática consistia em adaptar esses ambientes de acordo com os livros e temas da semana, buscando transformar a disposição dos alunos. Ao invés das tradicionais cadeiras enfileiradas, optamos por uma configuração mais participativa, encorajando os alunos a se sentarem no chão, formarem círculos e observarem as imagens enquanto os mediadores estavam dispostos no meio do grupo. Essa abordagem visava criar um ambiente mais interativo e engajador, promovendo uma experiência de aprendizado mais dinâmica e colaborativa.

No âmbito do ensino fundamental, optamos por leituras de obras de autores e ilustradores latino-americanos. Durante essas sessões, apresentamos mapas para facilitar a compreensão e a localização dos países de origem desses artistas. Utilizamos um baú surpresa como recurso interativo, encorajando os alunos a compartilharem suas percepções. As atividades incluíram a leitura inicial em português, seguida pela versão em espanhol, além da prática de separar palavras com dificuldade e realizar simbolizações sinestésicas, como desenhar com grãos e explorar a sensação tátil.

Foi evidente que os alunos já dominavam a tradução espontânea do espanhol, tornando a leitura em português desnecessária. Apesar de aparentemente não compreenderem a questão da fronteira, muitos mencionavam visitas aos avós na Argentina ou no Paraguai. Na sala de aula, também tínhamos crianças recém-chegadas de outros países, como Uruguai e Venezuela, cujos olhos brilhavam ao ouvirem leituras em espanhol.

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

No contexto do Ensino de Jovens e Adultos (EJA), incorporamos brincadeiras tradicionais, como "pega pedrinhas", o desafio consiste de apanhar uma pedra no chão enquanto outra é lançada, mantendo sempre uma conexão temática com as obras literárias em estudo, fazendo os adultos recordarem memórias de infância e do cotidiano. No Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), nosso foco foi introduzir as crianças ao ambiente da biblioteca, promovendo familiaridade com sua estrutura e os diversos exemplares disponíveis.

Fotografia 10 - Mediação de Leitura Literária na Biblioteca Escolar EMEF Padre Luigi Salvucci

FONTE: Acervo da Biblioteca para a Infância e Juventude Iguaçuense, 2022

Fotografia 11 - Mediação de leitura literária com alunos do CMEI Flor de Lis

FONTE: Acervo da Biblioteca para a Infância e Juventude Iguaçuense, 2022

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

Fotografia 12 - Mediação de leitura literária com alunos do EJA no Colégio Estadual Paulo Freire

FONTE: Acervo da Biblioteca para a Infância e Juventude Iguaçuense, 2023

Paulo Freire (1987) propõe uma nova forma de compreender a educação, a escola, a vida, a cultura, e, consequentemente, a alfabetização de adultos. Sua ideia é que a educação deveria ser uma leitura do mundo, antes da leitura da palavra. Ou seja, deve ser um processo de tomada de consciência da beleza e da originalidade da vida, de todos os sujeitos de todas as classes, da dignidade dos valores da realidade social dos oprimidos, para, então, dentro dessa prática transformadora, buscar compreender a educação e a escolaridade. Assim, subjetividade e objetividade se encontram em unidade dialética que resulta em um conhecimento que se relaciona com o agir deste com aquele. Essa unidade dialética é a responsável por impulsionar um agir e um pensar adequado sobre a realidade para transformá-la.

Além disso, a abordagem da pedagogia do oprimido, fundamentada na participação ativa dos homens na luta por sua libertação, amplifica essa interconexão entre teoria e prática. A leitura crítica de "*La otra orilla*" de Marta Carrasco, centrada na ponte e na identificação com a tríplice fronteira, evidencia uma compreensão enriquecedora do conhecimento e da experiência vivida. A obra "*En un mismo barco*" de Monique Zepeda contribui para esse panorama ao refletir sobre a convivência em sociedades diversas e complexas. Da mesma forma, "Migrando" de Mariana Chiesa

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

Mateos, por meio de suas imagens impactantes, ilustra dois processos distintos de imigração. "*Selvaje*" de Emily Hughes explora a temática da adaptação, enquanto "*Eloísa y los bichos*" de Jairo Buitrago complementa essa discussão com sua abordagem sobre interações entre seres humanos, mudança de escola e de cidade. Essas obras convergem em sua contribuição para uma compreensão mais abrangente e profunda das complexidades sociais e culturais.

Como dito antes, com a parceria da SETI-PR[6] (Secretaria da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior) o grupo de bolsistas ficou maior, sendo no total sete bolsistas de pesquisa, dois estudantes de geografia, uma estudante de arquitetura, três de mediação cultural - artes e letras e uma de letras - português e espanhol, possibilitando a expansão dos trabalhos, obtendo mediações todos os dias e uma maior aproximação com os moradores realizando a divulgação do espaço. O grupo então se reunia e formava cinco mediações literárias e artísticas nas quais cada dia seria possível receber uma mediação e a cada quinzena haveria sessões de cinema para acompanhar a leitura e oficinas artísticas aos sábados. Assim, com a abertura da biblioteca às 8h da manhã e seu encerramento de atividades às 17h da tarde, os participantes começaram a dedicar seu tempo à BIJI, sendo necessário várias conversas com responsáveis confirmando a presença diária destes jovens ou crianças no espaço.

Com o intuito destes jovens e crianças em permanecer no espaço e colaborar na organização de atividades e disposição de livros em diversas prateleiras, observou-se um aumento significativo na presença e circulação de público. Esse aumento resultou na emergência de indivíduos conhecidos no bairro, os quais, inicialmente, eram desaprovados ou reprimidos pela comunidade. Um exemplo é o caso de João[7], adolescente de 13 anos, novo participante do espaço, ao qual crianças reproduziam as opiniões de seus pais, demonstrando aversão à presença dele, diagnosticado com transtorno de espectro autista.

No entanto, com o decorrer do tempo e a integração de João ao grupo de mediação, tornou-se evidente a negligência familiar e a constatação de sua ausência na escola. Após diálogos com os pais, providenciou-se assistência médica e

[6] Financiamento interno (edital 35/2021/PROEX-SETI). Parceria entre instituições como Fundação Cultural/Secretaria Municipal de Educação/ Núcleo de Educação/SETI. https://documentos.unila.edu.br/editais/proex/35-3

[7] O nome utilizado tem fins fictício para proteger a identidade do adolescente.

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

psicológica, resultando no seu retorno à escola. Atualmente, percebe-se o zelo e apreço da comunidade por ele, bem como a participação mais ativa de sua família. Essa transformação foi possível devido ao tempo que João passava na biblioteca, envolvendo-se nas mediações literárias com os mediadores.

Por causa das mediações literárias e as discussões que cada processo levava, foi possível conhecer as características do bairro através das histórias que os participantes contavam por meio de um reconhecimento do livro, do personagem, da imagem ou da discussão que levavam.

> A possibilidade do homem constituir-se enquanto sujeito e apropriar-se do legado cultural da humanidade vai depender não apenas do desenvolvimento de seu sistema nervoso mas, principalmente da qualidade de suas interações com o meio físico e social em que vive. Através dessas interações o homem participa ativamente tanto na construção e transformação do ambiente como de si mesmo. É portanto, por meio desta relação dialética com o mundo que o homem se constitui e se desenvolve. (TRINDADE e MORETTI, 2000, p. 30)

Nossos grupos de leitura sempre foram rotativos, ou seja, engajavam-se por um período e, em seguida, se desfaziam, dando lugar a novos grupos de leitura. Surgiu então a oportunidade de estabelecer uma relação mais estreita, ao longo de aproximadamente um ano, com um grupo composto por doze adolescentes, cujas idades variavam entre nove e quatorze anos. Para minha surpresa, embora a maioria desses adolescentes sigam as religiões católica e evangélica, eles demonstravam interesse e envolvimento em debates abrangentes sobre política e questões de gênero. Além disso, ao observar suas escolhas de vestimenta, ficava evidente que buscavam expressar sua individualidade por meio de um estilo alternativo/diferente, incluindo elementos góticos. A abordagem adotada durante esse período consistia em ler e discutir temas que despertavam o interesse do grupo, sem impor uma perspectiva de certo ou errado, mas, ao contrário, incentivando um ambiente propício para o diálogo aberto e a expressão de opiniões. Essa abordagem proporcionava um espaço seguro e inclusivo para que os adolescentes pudessem compartilhar suas visões e compreender diferentes perspectivas.

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

> A partir do dia a dia, das observações, manipulações, imitações e instruções de pessoas mais experientes, as crianças obtêm respostas para uma série de questões. Como membros de um grupo sócio cultural determinado, elas vivenciam experiências que as iniciam em sua própria cultura, a partir das quais constroem suas características individuais de ser humano (conceitos, valores, ideias, objetos concretos, concepção de mundo, etc.). (TRINDADE e MORETTI, 2000, p. 35)

O desenvolvimento cognitivo e comportamental dos adolescentes pode ser remodelado pela interação com seu grupo social e pelos elementos culturais aos quais estão expostos. Nesse sentido, adotamos a estratégia de explorar contos curtos de início, como ferramentas para promover reflexões. Além disso, incentivamos a confecção artesanal de livros utilizando cartonagem e macramê, proporcionando uma abordagem tangível às experiências literárias. As leituras e narrativas selecionadas e expostas nas tabelas abaixo exploram vivências do bairro, fomentam a discussão sobre hábitos sociais e também promovem a expressão de opiniões e experiências pessoais por parte dos adolescentes. Estas atividades estimularam o interesse dos jovens em continuar no espaço, articulando e expressando suas próprias perspectivas e vivências.

Tabela 1 – Contos curtos

Obras	Autores	Síntese
O caso da borboleta	Geovani Martins	Breno é uma criança que está aos cuidados de sua avó. Ao observar e refletir sobre “O que é ser borboleta?” olhando com curiosidade para o pé de acerola começa a seguir os caminhos da borboleta. Breno, então irá ter o seu primeiro contato com a morte.
No soy bruja	Juliano Gadêlha	Uma bruxa ao relembrar e contar uma memória dolorosa sobre sua infância, revela um final surpreendente de uma figura conhecida e adorada por uma geração.
A moça Tecelã	Marina Colassanti	O que você pediria se soubesse que seus sonhos poderiam ser realizados? Nesse conto uma jovem mulher tem o poder de tecer e suprimir seus anseios.
O alfaiate desatento	Regina Machado	Com um talento excepcional, este alfaiate transforma um pedaço de tecido em lindas peças, porém sua falta de atenção as faz ficar velhas e em desuso, precisando sempre se renovar.

FONTE: O Autor, 2024

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

Tabela 2 – Livros trabalhados nas mediações para adolescentes

Obras	Autores	Síntese
Cena de rua	Ângela Lago	Com um fundo preto e cores primarias, essa história se passa em um semáforo da cidade grande. A cada cor de semáforo uma percepção diferente sobre a vivência deste menino que não sabemos o nome, que interage com os personagens dentro dos carros.
Marginal a esquerda	Ângela Lago	Miúdo é um morador de periferia que encontra na música, sua verdadeira vocação. Sua trajetória não é fácil, mas mantém-se firme em seu propósito.
O livro dos porcos	Anthony Browne	Onde está a mamãe? Com o desaparecimento desta dona de casa aos poucos os participantes vão se tornando porcos, até que a mulher retorna e coloca as coisas em ordem e sua família volta a ser humanos e mais gratos.
O Túnel	Anthony Browne	Com ilustrações surpreendentes que contam outra história além da narrativa, estes irmãos que não se davam bem precisam se ajudar após descobrirem um túnel, tentando retornar para casa a tempo de a mãe servir o jantar.
Nós	Eva Furnari	Mel vivia sofrendo bullying em sua cidade natal, não se sentia em casa. Um dia ela observa o surgimento de um nó em seu dedinho e depois em outras partes do seu corpo. Decidida então a fugir, Mel, se depara com pessoas que a acolhem e a ensina a desfazer seus nós.
Marilu	Eva Furnari	Marilu vivia em um mundo triste, sem graça e cinza. Até que certo dia surpreendentemente ela conhece uma figura que a ensina a colorir seu mundo e preencher de felicidade.
Da minha janela	Otavio Junior	Da sua janela é possível ver tantas coisas, como cores, muitos prédios, o céu, os vizinhos e as ruas, basta parar e observar.
Um homem no sótão	Ricardo Azevedo	Cansados de interpretar os mesmos papéis, personagens de contos de fadas tiram o sossego do autor e começam a bagunçar as narrativas preparadas.
Leila	Tino Freitas	Leila é uma baleia que adora nadar com seus cabelos soltos até que um dia é assediada pelo barão e para de nadar. Com a ajuda seus amigos, Leila volta a nadar e usa suas forças e voz para denunciar o ocorrido.
O matador	Wandresen Piroli	Lembrando da infância, uma criança compartilha suas travessuras ao tentar acertar um pardal com um estilingue, em uma típica cidade pequena onde brincar na rua era comum. Apesar de tentativas, o momento em que finalmente acerta o pardal é marcado por um sentimento de horror.

FONTE: O Autor, 2024

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

5. ALÉM DAS MARGENS: EXPLICANDO O FOZ FAZENDO ARTE

Como mencionado anteriormente, no ano de 2022 começa a atuação de arte-educadores pelo programa de governo Foz Fazendo Arte, surgindo aqui minha interação com o termo arte-educador. Passamos a ofertar diversas modalidades artístico-culturais, com as quais o espaço que antes só se denominava BIJI pela sua gestão e apropriação do espaço agora passou a ser tornar a Estação Cultural João Sampaio Professor Mosquito, o que aumentou nosso número de participantes ativos. As mesmas crianças que vinham participando das mediações literárias começaram a participar das outras atividades, e assim começaram a trazer suas famílias e parentes que chamavam seus amigos. Com essa divulgação, atendemos mais de duzentas e cinquenta pessoas num bairro ao qual, a meu ver, não chegava muito lazer ou formação artística. Iniciei, também, no ano de 2023 meu trabalho como assistente cultural na Estação, colaborando com a implementação desse programa de governo na cidade de Foz do Iguaçu.

O programa de governo "Foz Fazendo Arte", com seu início em 2018 e atuação até a presente data, representa uma iniciativa notável no âmbito educacional não-formal. Destaca-se por sua ênfase no desenvolvimento do território com base no conceito tridimensional da cultura, conforme delineado no Plano Nacional de Cultura. Sua abordagem descentralizada visa estabelecer uma escola de Artes, Cultura e Patrimônio em Foz do Iguaçu, proporcionando modalidades artístico-culturais para enriquecer a relação da comunidade com as expressões artísticas, culturais e históricas locais.

A contratação no ano de 2024, no valor total de R$ 6.088.560,00, proveniente da Fundação Cultural[8] e da Secretaria Municipal da Educação de Foz do Iguaçu, foi realizada por meio de processo licitatório na modalidade de credenciamento no mês de fevereiro e março. Esta escolha se justifica pelo interesse público em garantir o atendimento às necessidades de forma não exclusiva, permitindo que todos os credenciados possam ser convocados em igualdade de condições.

[8] Informação retirada do EDITAL DE CHAMAMENTO PÚBLICO Nº 06/2023 PARA CREDENCIAMENTO DE ARTE EDUCADORES. https://culturafoz.pmfi.pr.gov.br/#/site/edital-detalhe/65

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

O objetivo é ampliar o acesso à cultura e aumentar o número de espaços disponíveis, atendendo a uma média de quatorze mil pessoas mensalmente, incluindo moradores do munícipio de todas as idades e descentralizando as atividades para alcançar um público mais diversificado, especialmente aqueles que não teriam oportunidade de participar se o projeto fosse localizado no centro da cidade. O edital de credenciamento foi a solução encontrada para viabilizar essa modalidade de contratação, visando estabelecer uma rede ampla de prestadores de serviços sob condições padronizadas e sem diferenciação de tratamento entre os credenciados, totalizando a contratação de cento e trinta e dois arte-educadores no ano de 2024 para diversas modalidades artísticas como teatro, circo, artesanato, artes visuais, danças, música, instrumentos e cultura popular.

A metodologia adotada reflete um comprometimento profundo com o entendimento curricular relacionado ao ensino de artes e cultura. Essa abordagem curricular, integrada aos processos de ensino, busca construir uma modalidade não formal de educação em constante diálogo com a educação formal. Princípios pedagógicos específicos, como interdisciplinaridade, pedagogia do exemplo, flexibilidade curricular e diversificação de estratégias, bem como avaliação formativa, orientam o desenvolvimento do programa.

Os princípios pedagógicos do programa são fundamentais para orientar suas práticas educacionais. A interdisciplinaridade é valorizada, promovendo a conexão entre diferentes áreas do conhecimento para construir uma compreensão mais abrangente e sistêmica. Além disso, a democratização do acesso é uma diretriz essencial, visando garantir que a arte e a cultura sejam acessíveis a todos, estimulando a participação social e descentralizando as atividades. A pedagogia do exemplo é adotada pelos Arte-Educadores, que demonstram comportamentos desejados pelos participantes, ensinando não apenas por palavras, mas também por ações concretas. A flexibilidade curricular e a diversificação de estratégias são valorizadas, buscando uma abordagem dinâmica que se adapte às necessidades e interesses dos participantes, proporcionando uma aprendizagem significativa e contextualizada. Por fim, a avaliação formativa é enfatizada, com o objetivo de fornecer feedback contínuo para o aprimoramento dos participantes e das práticas do programa como um todo.

A escolha deliberada do formato descentralizado para a execução do projeto reflete a convicção de que a cultura deve ser um componente integral da vivência

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

comunitária e das iniciativas de desenvolvimento socioeducativo. Este enfoque é particularmente crucial para comunidades que enfrentam dificuldades de acesso à cultura devido a barreiras territoriais, condições econômicas, questões étnico-raciais ou outras limitações potenciais em relação aos direitos culturais.

As atribuições dos Educadores(as) artístico-culturais são multifacetadas e abrangentes. Desde participar de capacitações e elaborar planos de atividades até conduzir o processo de ensino de forma cooperativa. Esses profissionais desempenham um papel fundamental. Eles estimulam a criatividade individual, promovem a produção coletiva, utilizam tecnologias contemporâneas, lideram grupos de maneira democrática, fomentam agentes multiplicadores e, por meio de avaliações contínuas, contribuem para a mensuração do alcance dos objetivos educativos propostos. Relatórios detalhados das atividades realizadas e desenvolvidas pelos(as) educandos(as) complementam esse compromisso abrangente com a educação artística e cultural.

Os objetivos de aprendizagem propostos neste trabalho visam enriquecer o repertório artístico e cultural dos participantes, estimulando o desenvolvimento de uma linguagem própria na expressão artística, a compreensão das relações entre os elementos das linguagens artísticas em diferentes contextos culturais, a exploração das diversas possibilidades criativas, o reconhecimento e reflexão sobre o uso de materiais e técnicas artísticas, o respeito à diversidade nas produções e seus autores, além de promover o desenvolvimento integral dos participantes, tanto físico, emocional, social quanto afetivo, por meio de metodologias didáticas que enfatizem a prática artística e a percepção estética.

Figura 2 – Régua de logos (Prefeitura de Foz do Iguaçu)

FONTE: Fundação Cultural de Foz do Iguaçu, 2024

Escolhi em particular esta modalidade artística “literatura e poesia” do projeto para explicar uma parte de como funciona a relação da arte-educação com a

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

mediação literária, e também a introduzi-los ao que é o projeto Foz Fazendo Arte - Formação em Artes, Cultura e Patrimônio Cultural e suas atividades através de seus atendimentos em centros de atendimentos psicossocial de álcool e drogas (CAPS AD), explicando o direito à vida no sentido pleno, a cidadania e autonomia de consciência e crítica. Mostramos os trabalhos de poesia e cartonagem que foram realizados por esses educandos.

Gostaria de chamar a atenção para a necessidade de desenvolver políticas públicas que garantam a continuidade de programas governamentais como este, sem depender exclusivamente de mudanças de governo. Além disso, é importante considerar a contratação dos arte-educadores por meio de concursos públicos, garantindo que suas ações em prol da arte e cultura possam apoiar o município de forma contínua e de longo prazo, em vez de serem temporárias.

Como na Estação Cultural João Sampaio Prof. Mosquito, esse público também varia por suas condições de tratamento. Muitos retornaram para ser assistidos nas recaídas de uso de drogas e álcool. Aqui o público consiste em adultos, a partir de dezoito anos até os setenta, alguns em casos de extrema vulnerabilidade como moradores de rua, cadeirantes e analfabetos. As atividades ocorrem uma vez na semana com duração de três horas. A abordagem consiste em leitura de textos e dinâmicas em grupos. Ao chegarem, são introduzidos a uma performance ou a uma poesia e a partir desta realizam uma simbolização artística e interativa, e depois a escrita de um texto, deste qual surge uma nota de diário, um desabafo, uma poesia, uma prosa etc., pensando na confecção dos livretos.

Baseando-se no estético e interpretação da arte contemporânea “como meio de autoconstrução de significados vitais e de descobrimento de novas formas de compreender a realidade”, (BELTRÁN, 2009, p. 86). Pois, já está na estrutura cognitiva do ser humano, assim demostrando suas emoções individuais nas diferentes experiencias expostas aqui no presente trabalho.

> Assim, as funções perceptivas, cognitivas e emocionais envolvem a experiência estética e fundem-se com a experiência de vida, ou seja, a experiência estética seria a atualização existencial de uma qualidade emocional e, portanto, o caráter individual do trabalho de arte constrói, por meio da experiência, as diferenças individuais. (BELTRÁN, 2009, p. 92)

Ou seja, estas oficinas devem construir significados, com instrumentos importantes da vivência e da identidade cultural destes sujeitos. Deixando o

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

formalismo de lado, é possível entender o papel da arte, da literatura, das poesias e de suas ampliações de significados como sua função na existência humana.

Por exemplo, houve a identificação em textos com o caso de um educando em específico, ao qual a leitura do poema de Camões despertou um transtorno por recordar um trauma no passado. Com o aconselhamento da arte-educadora e psicólogos que acompanham as formações contínuas, foi proposta a escrita de uma carta, na qual houve muita dificuldade deste em conseguir colocar em palavras e no papel seu sentimento.

Outras dificuldades que surgiram foram perguntas e questionamentos como: “pra que serve essa atividade?”, “isso é mais viagem do que drogas”, porém, permanecia a vontade destes em assistir e participar, apesar de suas dificuldades com a escrita. Após o constrangimento, surgiu a escrita leve e divertida, sem a preocupação de estar correto. O espaço também é lugar de questionar.

A tarefa de engajar um público adulto na leitura, embora repleta de desafios, abriu caminho para transformar a atividade em uma busca avassaladora por conhecimento, inspirando os participantes a explorar a oficina não só através de leituras sugeridas, mas também por meio de suas próprias experiências artísticas, tanto na apreciação visual quanto na prática. Foi possível cultivar um profundo apreço pela cultura e pela riqueza de informações compartilhadas pela arte-educadora, uma abordagem que ressoa profundamente com as palavras de Paulo Freire em sua obra de 1996: “Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago, e me indago. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade.” Esta citação encapsula a essência do trabalho dos arte-educadores, que se dedicam a abrir portas para a criação e construção do conhecimento, formando assim cidadãos equipados não apenas para ler, mas também para refletir e interagir com o mundo ao seu redor de maneira crítica e consciente.

5.1 Oficina arte-educadora Mayara Costa

Optei por analisar esta oficina num espaço de saúde, pois entendo a importância de envolver parcerias entre mediadores de leitura e a comunidade, de forma que haja continuidade no processo individual de humanização histórico-social.

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

Dessa maneira, estabelece-se uma ponte ativa entre artes, leitura e centros de saúde, transformando-os em espaços de democracia.

A oficina de Literatura e Poesia é um espaço onde o adulto, no Centro de Atenção Psicossocial Álcool e Drogas (CAPS AD), pode ter acesso a materiais e técnicas artísticas, colocando em prática sua criatividade. São encorajadas expressões que aproximam o participante às obras de arte e seus períodos históricos. Estes espaços são onde expande-se as compreensões, pois exercita-se a capacidade de ler as referências e contextualizações das obras que representam visões de mundo diferentes. Porém, ela precisa da interação dos mediadores, como Mayara Costa[9], para manifestar as possibilidades de interpretações e organização das informações para que haja aprendizado com as construções de significados.

> Ao se promover uma ação educativa com o propósito de despertar a capacidade intelectual, artística, ideológica e cultural e, ainda, dar ao público a possibilidade de refletir sobre sua realidade, o museu constitui um local em que se processam relações entre indivíduos e entre objetos, propiciando a tomada de consciência do passado e do presente que atribui uma dimensão pessoal, por meio de uma experiência indireta entre a realidade em que a obra foi criada e a realidade atual que o indivíduo vivencia no espaço museológico. Esse movimento produz nossa memória que se dinamiza culturalmente com base em interpretações e ressignificações dos objetos pelo observador atual em seu contexto cultural (LIMA, A. C., 2009, p. 234)

Logo, a primeira oficina relatada da arte-educadora Mayara foi inspirada pelos estudos da ativista e artista Jesusa Rodriguez, que realiza uma performance com o grupo zapatista, no qual, através da pedra que cada participante escolhesse, seria demonstrado como seria sua participação e leitura do poema humorado e irônico da Polonesa Wislawa Szymborka “Conversa com a pedra”.

Assim, propõe aos seus educandos a procura de uma pedra num terreno ao lado do CAPS-AD. Ao escolherem suas pedras, relata que alguns não davam importância e a primeira que encontravam estava boa. Para uns o processo foi mais demorado e cheio de incertezas: escolhiam uma, e depois outra, e alguns simplesmente escolhiam pelo maior tamanho, ali demonstrando padrões

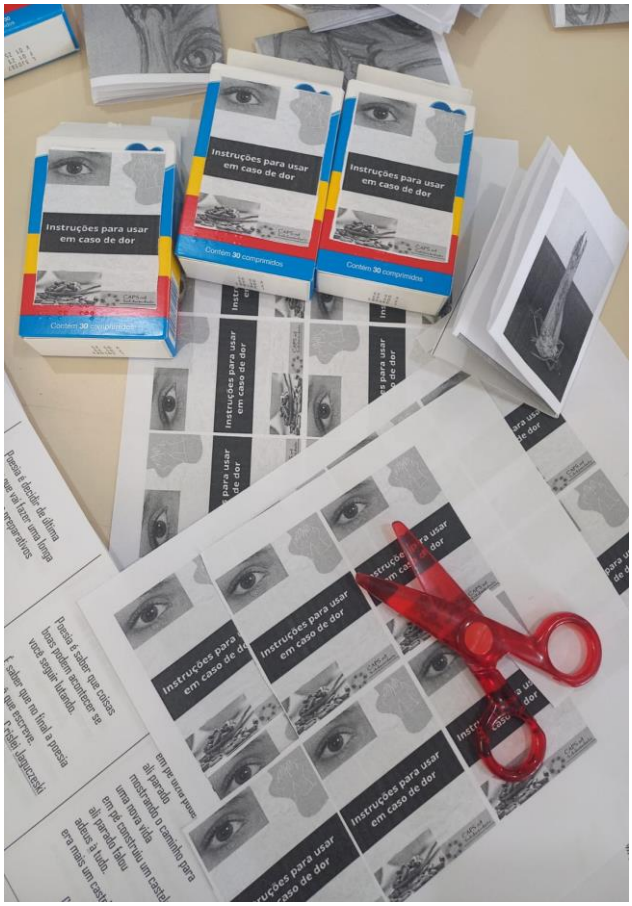
[9] Mayara Alexandre Costa é graduada em Letras Português/Literatura pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA/CESI). Mestra em Literatura Comparada pelo Programa de Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutora pelo mesmo programa. Faz parte do laboratório de teorias e práticas feministas do PACC-UFRJ. Colabora com o grupo de leitura e produção poética nas Unidades Prisionais da Tríplice Fronteira e participa da elaboração de projetos de práticas artísticas e políticas do cuidado da Fundação Nosso Lar.

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

comportamentais. Houve também muita colaboração da equipe para ajudar aqueles que tinham dificuldade de se locomover, como um educando cadeirante.

Após retornarem para o espaço, Mayara propõe que os participantes conversem com suas pedras (causando estranheza em novos membros), e que coloquem sua conversa no papel. Surge então um *fanzine* com as experiências. Após finalizar o processo, Mayara me contou que não levou o poema de Carlos Drummond de Andrade, “Tinha uma pedra no meu caminho” porque pensou que todos já conheciam, e, para sua surpresa, não conheciam. Assim, o leram, e começaram a refletir e discutir sobre o poema e relacioná-lo com suas experiências. A seguir estão as imagens das caixinhas de remédios intituladas “Instruções para usar em caso de dor”, onde os fanzines foram disponibilizados dentro:

Fotografia 13 - Confecção dos fanzines



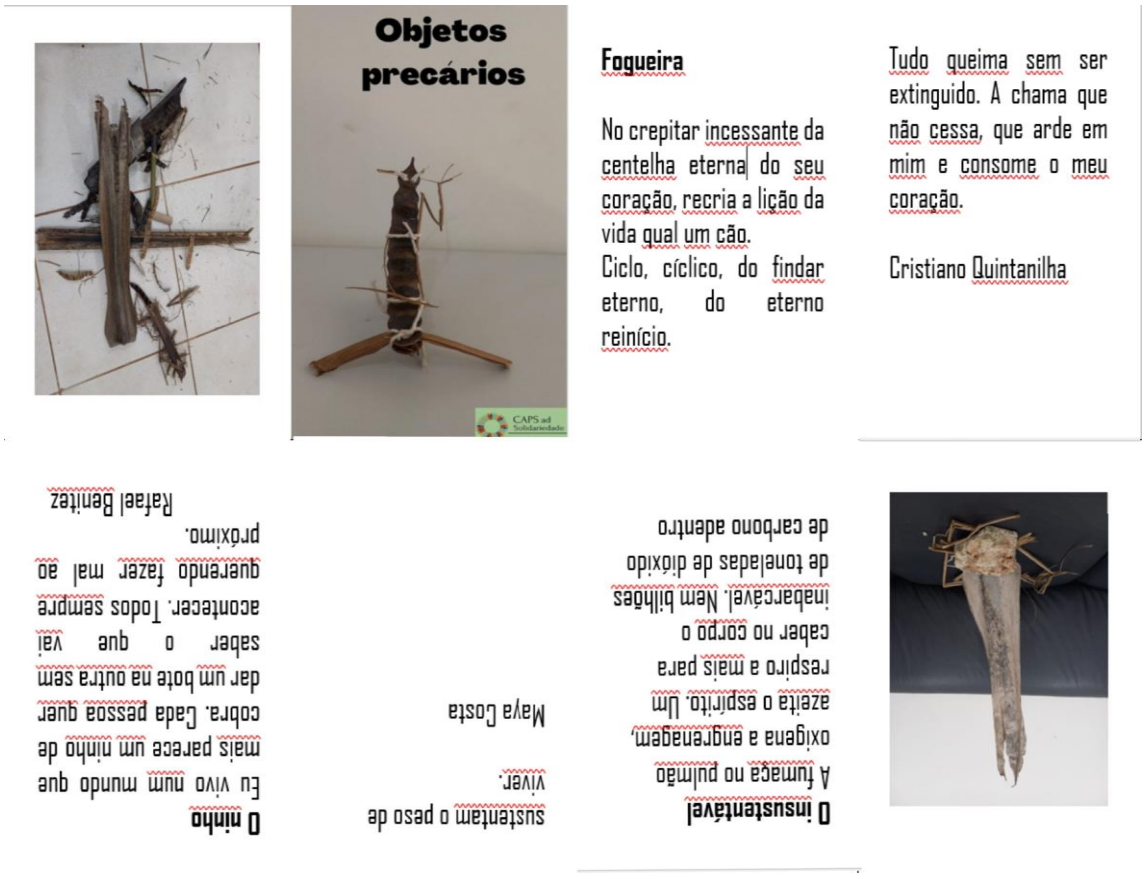
FONTE: Acervo da Fundação Cultural, 2023

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

Fotografia 14 - Confecção dos fanzines

FONTE: Acervo da Fundação Cultural, 2023

Fotografia 15 - Folha A4 com os poemas escritos para fanzine



FONTE: Acervo da Fundação Cultural, 2023

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

O exercício da escrita após a prática artística viabiliza aprendizagens em colaboração, pelo olhar do grupo, tematizando as escritas poéticas. Além das discussões, tenta-se novas abordagens de visualização ao objeto, dando sentido ao cotidiano destes participantes e produzindo uma significação da cultura visual vista na experiência ou daquela na qual já estão inseridos.

> A mudança de ênfase da epistemologia – de ser sobre o "objeto" para um saber sobre a pessoa que vê o "objeto" – de um questionamento sobre em que medida a avaliação de um objeto realmente foca na reconstrução do conhecimento do produtor ou do espectador é uma das transformações mais significativas da arte/educação e da educação em geral. (FREEDMAN, 2003, p. 159 *apud* TOURINHO, 2009, p. 283)

Cada traço da imagem e cada verso escrito por estes educandos pode ser observado e lido como um símbolo que constitui uma interpretação, no que Rossi (2009) descreve como uma "metáfora dos sentidos", que pode vir de uma experiencia pessoal destes educandos ou atribuídas intencionalmente no momento da mediação. Essa experiência promove aprendizagem colaborativa ao enfatizar a reconstrução do conhecimento por meio da observação e apreciação em grupo. Durante a atividade, os participantes têm a oportunidade de analisar e discutir os desenhos, explorando novas perspectivas que se conectem com "visualidades comuns" (TOURINHO, 2009). A mediação, como um processo interativo de aprendizagem colaborativa, atribui significado ao cotidiano dos alunos, permitindo uma relação mais profunda e significativa com a cultura visual que eles produzem e com a qual se identificam.

Assim, iniciamos com Luan Abreu que intitulou seu poema "Espelho", e ao lado faz um desenho de um menino com os olhos vazios, soltando lágrimas, e então escreve sua conversa com a pedra:

"Será que seu te chamar você me entende?
Será que consigo saber o que você sente?
E se, de repente, eu tropeçar em você?
Estou confuso, peço que me escute.
Sou chato como uma pedra em seu sapato, sou vazio como a pedra que uso"
(2023).

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

Percebe-se aqui a referência do poema discutido na oficina e o alinhamento com a proposta de conversar com a pedra, podendo transpassar seu sentimento, sua singularidade, suas vivências e seus desafios para a estrutura de um poema. Seguimos, então, com Ana Paula, que também faz um desenho, refletindo o espaço no qual encontrou a pedra, com uma árvore grande no canto direito da folha, ocupando toda a metade da folha A4, um sol com raios solares presentes e bem destacados e, embaixo, pedras e entulhos. Então com setas ela escreve:

"O que está em cima é como o que está embaixo.
A pedra que,
que (sic) enrosca é a mesma que constrói.
Cabe a mim decidir como utilizar"
(2023).

Refletindo sobre a conversa com a pedra, Rafael Benitez escolhe se expressar utilizando a estrutura de um diário:

"Bom dia, pedra. Hoje eu acordei com você no meu caminho. A gente sempre foi inimigo, pois você sempre esteve no meu caminho. Você me deixa rodando em círculos, sempre voltando pro (sic) mesmo lugar. Mas hoje eu quero fazer as pazes, não quero mais brigar. Vamos caminhar juntos? Eu quero ser como você é, forte nesse caminhar. Me ensina a te entender, pedra. Seja minha amiga, venha morar comigo pois me sinto pequeno e fraco" (2023).

Na segunda oficina conduzida por Mayara e inspirada pela visão artística e ambiental de Cecília Vicuña, os participantes são convidados a mergulhar numa experiência imersiva no Parque Monjolo, um pequeno parque localizado no centro de Foz do Iguaçu. O objetivo desta imersão é desafiar os participantes a se conectarem com o ambiente ao seu redor de maneira profunda e significativa, incentivando uma percepção aguçada dos sentidos.

Ao chegar ao parque, cada participante é encorajado a se sintonizar com a natureza ao redor, usando seus sentidos de tato, audição e olfato para se orientar e interagir com o ambiente. Eles são estimulados a se movimentar lentamente, tocando as texturas das folhas, ouvindo os sons sutis do parque e dos fluxos de água,

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

cheirando a fragrância rica da terra e das plantas. Esta não é apenas uma caminhada; é uma peregrinação sensorial através da qual cada objeto encontrado não é apenas visto, mas sentido, ouvido e cheirado, revelando histórias e significados ocultos.

Os objetos coletados durante essa jornada - sejam eles galhos quebradiços, pedras, penas e/ou qualquer outro elemento que chame a atenção - servem como blocos de construção para as esculturas que cada um vai criar. Esses itens, embora possam parecer comuns ou descartáveis à primeira vista, ganham novos significados nas mãos dos participantes, transformando-se em símbolos de resistência, memória e conexão.

De volta ao espaço da oficina, após a coleta, os participantes assistem a um vídeo que documenta o processo criativo de Cecília Vicuña, mergulhando ainda mais fundo nas temáticas de preservação, perda e reconexão com o ambiente natural. "Um Diário de Objetos para a Resistência Chilena" serve como leitura complementar, fornecendo contexto e profundidade às intenções por trás das obras de Vicuña e inspirando os participantes a refletirem sobre as histórias que desejam contar através de seus próprios objetos "precários". Refletindo em como dar a forma e a voz num silêncio ancestral e criar intervenções, Cristiano Quintanilha escreve:

“No crepitar incessante da
centelha eterna do seu coração,
recria a lição da vida qual um cão.
Ciclo, cíclico, do findar eterno,
do eterno reinício.
Tudo queima sem ser extinguido.
A chama que não cessa, que arde em mim
e consome o meu coração”
(Fogueira, 2023).

Fotografia 16 – Objeto precário

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

FONTE: Acervo da Fundação Cultural, 2023

Para Rafael Benitez a experiência da natureza e da criação do objeto se espalhou em questões pessoais, intitulando sua escrita como “O Ninho”:

“Eu vivo num mundo que
mais parece um ninho de cobra.
Cada pessoa quer dar um bote na outra sem saber o que vai acontecer.
Todos sempre querendo fazer mal ao próximo”
(2023).

A mediação é, então, um ato de simbolizar o presente, tornar contemporânea aquela representação de uma experiencia antiga e refletir sobre sua existência em ambos os estados: extraordinário e representativo. Sendo assim, o olhar crítico cria uma narrativa, tentando reconstruir os questionamentos que foram criados internamente dentro de cada participante, utilizando as experiencias artísticas e de escrita de outras figuras como artistas e escritores para construir um novo debate ou uma “ficção verdadeira” (CAILLET, 2009). Na vivência estética, aquele que recria a obra para si mesmo é quem percebe através da reflexão, se conectando com quem produziu, já que houve um conceito de compreensão por trás da criação dessa obra. Isso amplia a sua liberdade, uma vez que a expressão livre incentiva a capacidade de superar desafios.

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que, após uma análise minuciosa da interação entre arte, educação, mediação e leitura nas práticas de mediação literária promovidas pela BIJI e pela arte-educadora Mayara Costa no CAPS AD, é possível constatar o impacto significativo nessas áreas e entender a importância de pequenos aparelhos culturais dentro dos territórios. Observou-se uma melhoria na aprendizagem, com uma ampliação e diversificação das experiências artísticas e literárias de crianças, jovens e adultos em Foz do Iguaçu. Essas iniciativas não apenas contribuem para uma compreensão mais ampla e multicultural, mas também enriquecem o repertório pessoal dos participantes e estimulam o desenvolvimento de habilidades criativas.

A partir da leitura das teorias de Michel de Certeau, conseguimos compreender mais profundamente as interações dos moradores com o espaço onde o dispositivo cultural da BIJI e posteriormente os arte-educadores do Foz Fazendo Arte estavam localizados. Certeau explica como os moradores se apropriam do espaço privado, revelando seus cotidianos, costumes e ideologias através do uso contínuo desse espaço. Ele salienta que as esferas pública e privada não são entidades isoladas, mas sim interdependentes, coexistindo e influenciando-se mutuamente. Isso ficou evidente ao observarmos como os adolescentes e crianças passaram a frequentar o espaço desde o momento de sua abertura até o seu fechamento, revelando como o espaço cultural se tornou parte integrante da vida e da identidade da comunidade local.

Apesar da proximidade da Vila C com a Usina Hidrelétrica de Itaipu, o centro da cidade está relativamente distante, o que resultou em certos transtornos e negligência política neste bairro. Diante desse cenário, torna-se crucial garantir a concretização dos direitos constitucionais, incluindo o acesso a códigos culturais, a capacidade de crítica e a expressão criativa na vivência cotidiana. Esses elementos são essenciais para promover uma vida comunitária mais enriquecedora e inclusiva, além de ajudar a superar os desafios enfrentados pela comunidade da Vila C.

No contexto teórico-cultural, torna-se evidente a relevância da mediação na interação entre os seres humanos e o mundo ao seu redor. A mediação é compreendida como um processo de intervenção de um elemento na relação entre o sujeito e o objeto. Ao analisar e refletir sobre as diferentes leituras que surgem nessa interação, podemos observar uma melhoria na qualidade das relações humanas e uma maior compreensão tanto de si mesmo quanto do outro. Como no caso do

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

adolescente João, que podemos observar desde sua chegada na BIJI até os dias atuais sua participação no espaço, na escola, em casa e sua comunicação com os moradores do bairro. Esse processo de mediação não apenas facilita a comunicação e a compreensão mútua, mas também enriquece a experiência humana ao promover uma troca de ideias e perspectivas que contribuem para um maior entendimento do mundo ao nosso redor.

Apesar das influências de autores normalmente estudados no ramo da educação, pode-se perceber aqui a uma semelhança entre o mediador pedagógico (professor ou bibliotecário) e o mediador cultural (mediador de leitura literária). Apesar de alguns professores se propor um diálogo fixo e fechado muito se discute sobra o professor como mediador em sala, ambos expondo diversos conteúdos e ferramentas para o interesse dos educandos, desprendendo-se de preconceitos, manifestando suas opiniões e preferências literárias, assumindo um processo de leitura mais reflexivo, promovendo alterações cognitivas e afetivas na comunicação e na interação social. Além disso, transformando a disposição dos ambientes para uma configuração participativa e colaborativa, trazendo significado à vida sociocultural dos próprios educandos.

Conscientemente ou não, alguns programas e projetos governamentais acabam por negligenciar a importância da expressão artística, muitas vezes priorizando abordagens monótonas que deixam de estimular a reflexão e a diversidade de conteúdo. É fundamental reconhecer a necessidade de incorporar referências bibliográficas que valorizem a diversidade cultural e intelectual, especialmente em bibliotecas escolares ativas que despertem o interesse dos estudantes. Nesse sentido, é válido utilizar referências que destaquem a organização e as ações bem-sucedidas da BIJI, assim como experiências positivas em escolas que promovem uma abordagem inclusiva e diversificada à educação artística. Essas práticas podem contribuir significativamente para enriquecer o ambiente educacional e promover o desenvolvimento integral dos estudantes.

A variedade de estratégias adotadas para envolver os participantes nas mediações literárias e aproveitar o espaço público da Estação Cultural João Sampaio Prof. Mosquito destaca a importância de mediadores comprometidos e engajados com as ações de suas instituições e projetos. Essas estratégias foram desenvolvidas com o objetivo de incentivar a comunidade local a se apropriar dos recursos culturais disponíveis, incluindo os livros, com base em seus interesses e diálogos. Ao fazer

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

isso, buscava-se superar a má utilização dos espaços públicos e sua má reputação, promovendo uma transformação positiva na percepção e no uso desses locais pela comunidade.

As iniciativas de mediação da BIJI foram direcionadas para integrar os moradores da Vila C ao espaço onde o projeto atuava. Para alcançar esse objetivo, foram realizadas diversas atividades, incluindo a criação de caixas literárias, ambientações externas e parcerias com as escolas da região. No entanto, essas iniciativas enfrentaram desafios significativos de aderência por parte da comunidade, especialmente devido ao estigma produzido pela utilização do espaço da atual Estação Cultural João Sampaio Prof. Mosquito, a antiga Biblioteca Cidadã Paulo Freire, para atividades ilícitas e relacionadas a moradores de rua, no período antes de sua revitalização. Diante desse contexto, a BIJI se empenhou em reconquistar a confiança da comunidade, visando à reapropriação desse espaço para fins culturais e educacionais.

Nossas abordagens, tanto nas mediações dentro da BIJI quanto nas três escolas próximas, foram projetadas para fomentar a construção de significados e interpretações da leitura em grupo. Isso foi realizado através de diversas atividades, como a ambientação do espaço de acordo com o livro, a leitura em voz alta e a utilização da arte para simbolizar elementos da leitura. Essas práticas transformaram os espaços em ambientes de aprendizado dinâmicos, onde a diversidade de opiniões, contradições e colaborações mútuas eram valorizadas. Além disso, estimularam a criatividade dos participantes, fortalecendo sua autonomia para pensar e refletir sobre seu próprio processo de construção de conhecimento.

Relatando sobre o programa de governo Foz Fazendo Arte, busco mostrar como é possível existir programas de governo que tentam com eficácia introduzir as comunidades locais nas artes, gerando transformações pessoais do cotidiano, apesar de suas dificuldades em se tornar projeto de lei.

Dessa forma, é possível transformar o processo de mediação em um espaço dinâmico de questionamento e problematização, onde os participantes são incentivados a criar e interpretar signos, enriquecendo assim sua compreensão do mundo ao seu redor. Essa abordagem visa fazer com que o público se identifique com as oficinas da arte-educadora Mayara Costa, mesmo que em algumas ocasiões a experiência não seja necessariamente prazerosa. A mediação tem o poder de despertar uma gama de sentimentos nos participantes, incluindo até mesmo a dor,

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

mas isso faz parte do processo de exploração e descoberta, contribuindo para um aprendizado mais profundo e significativo.

Finalizo, portanto, reconhecendo a importância de dedicar tempo e esforço ao estudo tanto da educação formal quanto da não formal. Por meio delas, podemos promover a construção de comunidades mais inclusivas e participativas, além de fortalecer a cidadania. A educação, em suas diversas formas, contribui para o desenvolvimento da capacidade cognitiva, o aprimoramento de habilidades e competências, e fomenta atitudes positivas. Esses elementos são essenciais para a inserção no mercado de trabalho e para o exercício pleno dos direitos individuais de cada pessoa. Portanto, investir na educação é investir no futuro de uma sociedade mais justa e igualitária.

Destaco também a urgência de políticas públicas que garantam a continuidade dos programas governamentais, independentemente das mudanças de governo, e enfatizo a importância da contratação de arte-educadores por meio de concursos públicos para assegurar a estabilidade e a continuidade das atividades culturais no município. Além disso, vejo possíveis explorações de novas questões de estudo, como o impacto da arte e cultura na inclusão social de comunidades marginalizadas, o papel das tecnologias digitais na democratização do acesso à arte e cultura, a avaliação dos resultados a longo prazo de programas governamentais de incentivo à arte e cultura, e o desenvolvimento de políticas culturais que promovam a diversidade e o respeito às diferentes expressões artísticas.

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de; BORTOLIN, Sueli. Bibliotecário: um essencial mediador de leitura. Biblioteca escolar e práticas educativas. Campinas: Mercado de Letras, p. 205-218, 2009.

ARENA, Dagoberto Buim. Leitura no espaço da biblioteca escolar. Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação. Campinas: Mercado das Letras, p. 157-185, 2009.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. Arte/Educação como mediação cultural e social. São Paulo: Unesp, 2009.

BECKER, F. Da Ação à Operação: O Caminho da Aprendizagem em J. Piaget e P. Freire. Porto Alegre: EST; Palmarinca; Educação e Realidade, 1993a.

BECKER, F. Ensino e Construção do Conhecimento: O Processo de Abstração Reflexionante. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 43-52, 1993b.

CASTAÑON, Gustavo Arja. O que é construtivismo. Cadernos de História e Filosofia da Ciência, v. 1, n. 2, p. 209-242, 2015.

CARVALHO, Lívia Marques. Reflexões sobre o ensino da arte no âmbito de ONGS. Arte/educação como mediação cultural e social. Ana Mae Barbosa e Rejane Galvão Coutinho (orgs).–São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CAILLET, Elisabeth. Políticas de emprego cultural e ofício da mediação. BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. Arte/educação como mediação cultural e social. São Paulo: Unesp, p. 71-83, 2009.

CHAMBERS, A. Dime: los ninõs, la lectura y la conversación. Traducción Ana Tamarit Amieva. Madrid: Editora Fondo de Cultura Económica de España, 2007.

CORTEZ, Mariana; ORTÍZ, Luisa Fernanda Bustamante; SUCHOI, Carolina Mendes. Biblioteca, leitura literária e afetos em tempos de pandemia. Revista Trama Interdisciplinar, v. 13, n. 1, p. 178-194, 2022.

DARRAS, Bernard. As várias concepções da cultura e seus efeitos sobre os processos de mediação cultural. Arte/educação como mediação cultural e social. São Paulo: Editora UNESP, p. 23-52, 2009.

DE SOUZA, Renata Junqueira. Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação. Mercado de Letras, 2009.

DOS SANTOS PEREIRA, Aline; DE FREITAS OLIVEIRA, Aline; DE MOURA, Maria Lenúcia. A escola como espaço de aprendizagem crítica: ensinamentos de Vygotsky e Saviani. Ensino em Perspectivas, v. 3, n. 1, p. 1-11, 2022.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 11. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

FREIRE, Paulo, Pedagogia da Autonomia. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/não-formal. Sion: Institut Internacional des Droits de 1º Enfant, p. 1-11, 2005.

GIARD, Luce; CERTEAU, Michel de; MAYOL, Pierre. A invenção do cotidiano 2: morar, cozinhar. Petrópolis: Artes de Fazer, 1996.

HUERTAS, Mayra Alejandra Bernal. VILA C: UM CASO DE MARGINALIDADE URBANO E SOCIAL. Revista Espirales, v. 2, n. 2, p. 156-161, 2018.

LEFEBVRE, Henri et al. O direito à cidade. São Paulo: Centauro, 2001.

FREEDMAN, Kerry. Teaching visual culture: Curriculum, aesthetics, and the social life of art. Teachers College Press, 2003.

LIMA, Anny Christina. Traços e passos: visitas ao Museu Lasar Segall. BARBOSA, Ana Mae, 2009.

MACHADO, E.; VERGUEIRO, W. A prática da gestão participativa em espaços de acesso à in-formação: o caso das bibliotecas públicas e das bibliotecas comunitárias. Revista Interame-ricana de Bibliotecología, v. 33, n. 1, p. 241-255, 2010.

MIR, Carmen Lidón Beltrán. Educação como mediação em centros de arte contemporânea. Arte/educação como mediação cultural e social. São Paulo: Editora UNESP, p. 85-102, 2009.

PETIT, M. Lecturas: del espacio íntimo al espacio público. Ciudad de México: Fondo de Cultu-ra Económico, 2001.

PUIG, Carla Padró. Modos de pensar museologias: educação e estudos de museus. BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. Arte/educação como mediação cultural e social. São Paulo: Unesp, p. 53-70, 2009.

(1973). Psicologia e epistemologia: por uma teoria do conhecimento.Trad. A. Cretella. Rio de Janeiro: Forense.Orig.em francês: 1970

PIAGET, J. O Estruturalismo. São Paulo: Difel, 1970a.

PIAGET, J. Psicologia e Pedagogia. Rio de Janeiro: Forense, 1970b.

PIAGET, J. A Construção do Real na Criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1975a.

PIAGET, J. As Formas Elementares da Dialética. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

PIAGET, J. Para Onde Vai a Educação? Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

ROSSI, Maria Helena W. O desenvolvimento do pensamento estético no ensino fundamental. BARBOSA, Ana Mae TB Arte/Educação como Mediação Cultural e Social. São Paulo: Editora UNESP, p. 285-292, 2009.

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09

SANCHIS, Isabelle de Paiva; MAHFOUD, Miguel. Construtivismo: desdobramentos teóricos e no campo da educação. Revista Eletrônica de Educação, v. 4, n. 1, p. 18-33, 2010.

SILVA, Rovilson José da. Biblioteca escolar: organização e funcionamento. Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação. Campinas: Mercado das Letras, p. 115-145, 2009.

TOURINHO, Irene. Visualidades comuns, mediação e experiência cotidiana. BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. Arte/educação como mediação cultural e social. São Paulo: UNESP, p. 269-283, 2009.

TRINDADE, José Análio de Oliveira; MORETTI, Méricles Thadeu. Uma relação entre a teoria histórico-cultural e a epistemologia histórico-crítica no ensino de funções: a mediação p. 29-50. 2009.

UNILA em Destaque: Relatório anual revela impactos da Universidade na região trinacional e na América Latina, Portal UNILA, 2024. Disponível em: https://portal.unila.edu.br/noticias/unila-em-destaque-relatorio-anual-revela-impactos-da-universidade-na-regiao-trinacional-e-na-america-latina#:~:text=De%20acordo%20com%20dados%20do,6%20mil%20estudantes%20estrangeiros%20matriculados. Acesso em: 20/03/2024.

VYGOTSKY, L. S. A imaginação e a arte na infância. Lisboa: Relógio D'Água, 2009.

VYGOTSKY, L. S. Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico, livro para professores. São Paulo: Expressão Popular, 2018. Recebido em novembro de 2021.Aprovado em janeiro de 2022.

Versão Final Homologada
27/04/2024 20:09